

Epístolas e Sátiras

de Bocage

I

ELMANO A GERTRÚRIA

*Pasce l'agno l'erbette, il lupa l'agno,
Ma il crudo Amor di lagrime si pasce.*

Torcato Tasso, *Aminta*

Cá do pé das gangéticas ribeiras,
Inimigas da paz e da alegria,
Cá dentre serpes, tigres e palmeiras,
A ti, bela Gertrúria, Elmano envia
Seus gemidos terníssimos e ardentes
Sobre as cinzentas asas da Agonia.
Se o teu fiel carácter não desmentes,
Se inda em teu coração não teve entrada
A variedade, o vício dos ausentes;
Se do voto recíproco lembrada
Suspiras por me ver, como suspiro
Por dar-te beijos mil na mão nevada,
Chorando escutarás o que profiro,
Estes queixumes vão que entrego aos ares,
Estes inúteis ais que da alma tiro.
Do santo abrigo de meus Deuses Lares
Pela Sorte cruel desarraigado,
E exposto em frágil quilha a bravos mares;
Sobre as espaldas do Oceano inchado,
Dirigindo tristíssimo lamento
Contra o Céu, contra Amor e contra o Fado;
Debalde conjurando o rouco vento,
Em vão pedindo a Tétis sepultura
Nas entranhas do mádido elemento,
Pus, finalmente, os pés onde murmura
O plácido Janeiro, em cuja areia
Jazia entre delícias a ternura.
Ali, como nas margens de Ulisseia,
Prendendo corações, brincavam, riam
Os Filhinhos gentis de Citercia;
Mil Graças, que a vanglória trocariam
Em vergonhosa inveja à tua vista,
Usurpar-te meus cultos presumiam,
Eis olham como fácil a conquista,
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,

E constância me dá com que resista.
Este combate a glória me acrescenta:
Conhece-se o valor do navegante
Em tenebrosa, horrísona tormenta.
Contemplando na ideia o teu semblante,
Pude evitar o escolho, onde naufraga
O coração mais livre e mais constante.
Um virtuoso amor nunca se apaga:
O tiro de outra mão não faz emprego
Aonde a tua abriu tão doce chaga.
Sempre no mais cruel desassossego,
Sempre comigo mesmo em viva guerra,
Às vastas ondas outra vez me entrego.
Os negros furacões Eolo encerra,
Até que aos frouxos olhos se me of'rece
O bruto Adamastor, filho da Terra.
Vê-me o monstro, que ainda não se esquece
Da nossa antiga audácia, e logo exclama
Com voz horrível, que trovão parece:
«Õ tu, que de uma vã, caduca fama,
De uma ilustre quimera ambicioso,
A estrada vens saber do afoito Gama;
Tu, dos servos de Amor o mais ditoso,
Se as desordens fatais da louca idade
Te houvesse reprimido o Céu piedoso;
Tu, que duma terrestre divindade
Memorando os encantos e os agrados,
Deliras entre as garras da saudade,
O modelo serás dos desgraçados,
Porque mais, ó mortal, a ver não tornas
Meigos olhos, por Vénus invejados.
As correntes de lágrimas que entornas,
Os suspiros que exalas de contino,
A singular paixão de que te adornas,
Nada revoga as ordens do Destino,
Que eu de opaca procela estenda o manto
Quer, e ao fatal decreto a frente inclino.
Mas a tua aflição move-me tanto,
Que os olhos meus, a permiti-lo a Sorte,
Saberiam, por ti, que cousa é pranto.
Das entranhas do Inferno arranco a morte,
Que a lei do Fado, a meu pesar, me obriga
A que a vida misérrima te corte.
Mares, lambei dos céus a base antiga,
Morra Elmano, adejai, dragões do Averno,
Sobre o veloz baixel onde se abriga!»
Disse dos nautas o inimigo eterno,
E aos ares arrojou no mesmo instante
Medonhas trevas, pavoroso Inverno.
O Céu troveja, Eolo sibilante

Ora aos abismos, ora aos astros leva,
Entre as asas da morte, o lenho errante,
Sobre ele o mar violento a fúria ceva,
Rebentam cabos, não governa o leme,
Consternada celeuma ao ar se eleva.
Em tanto horror meu coração não treme,
Antes se alenta, agradecendo ao Fado
Um bem que implora, a morte que não teme.
«Parcas! (eu grito) ó deusas. que a meu lado
Andais brandindo as foices carnicieras,
Inclinai para cá seu gume ervado:
O golpe em mim descarregai ligeiras,
Enquanto ofereço à cândida Gertrúria
O final prantos as vozes derradeiras.»
Céus! Que prodígio! O vento aplaca a fúria,
E a teu nome adorado a própria Morte
Não ousa, em dano meu, fazer injúria;
Teu nome vence a cólera da Sorte:
Torna a luz, fuge a sombra, e já mil vivas
Os muros vão ferir da etérea Corte.
Só eu choro o prazer que tu motivas,
Só eu sinto escapar deste perigo,
Só eu culpo as estrelas compassivas.
A próspera derrota assim prossigo,
Até que vejo e piso a sepultura
Dos tristes que não têm na Pátria abrigo.
Aqui vai sempre a mais minha amargura,
Aqui, pela Saudade envenenado,
Como espectro acompanho a Noite escura;
Aqui ninguém me atende (ó negro Fado!),
Nem deuses, nem mortais, ninguém me atende,
Tão molesto se faz um desgraçado!
Só teu suave nome, a quem se rende
O próprio deus de Amor, algum momento
Meu pranto enfreia, minhas ânsias prende.
Sou qual febricitante, que, sedento
Em libar fresca taça, alívio goza,
Afangando com ela o sofrimento.
Ai gesto encantador, face amorosa,
Que me inspiraste da paixão niais pura
A doce chama, a chama deleitosa!
Que torrente de gosto e de ternura
Fizeste borbulhar no meu semblante,
Enquanto o permitiu minha ventura!
Qual na cálida sesta o caminhante,
Que em despenhada fonte amena e fria
Matar o vivo ardor vai anelante:
Tal nas asas do júbilo eu corria
A saciar em ti, vista adorável,
O sequioso amor que em mim fervia.

Ó lúbrico prazer! Fortuna instável!
Apenas fui feliz, fui desgraçado:
Ó catástrofe acerba e deplorável!
Mas tu, Gertrúria bela, ídolo amado,
Tu, meu único bem, cuja mudança
Me faria acabar desesperado,
Por piedade não percas da lembrança
O terno adeus, e as lágrimas, e os votos,
Com que ele vigorou minha esperança.
Vê que, entregue ao furor de horríveis Notos,
Vim, só por me fazer de ti mais digno,
A climas do meu clima tão remotos.
Semblante para mim sempre benigno,
Reserva-me um sorriso: ele somente
Pode o meu astro serenar maligno;
Ele só me fará viver contente,
Só nele está suspensa a minha glória,
Só dele o meu sossego está pendente.
Voemos para o templo da Memória,
Nossa fidelidade ao orbe espante,
E sirva de modelo a nossa história.
A todo o baixo espírito inconstante
Para castigo apontem-lhe a firmeza
Do triste Elmano e de Gertrúria amante.
Obra a mais singular da Natureza,
Erário dos seus dons, conheça o mundo,
Que és tão rara em amor, como em beleza.
Abunda nas saudades em que abundo,
Manda-me lá desses ditosos lares
Nas asas da ternura um ai profundo.
Não tope densa nuvem pelos ares,
Que a fortaleza, que o calor lhe tire.
Venha, ah!, venha, apesar de imensos mares,
E em meus ouvidos, fatigado, expire.

II

ELMANO A JOSINO

Dans ces climats... tout est sourd à mes cris.

M.^{me} Du Bocage, *Tragédie des Amazones*. Acto IV, cena VI

Josino, meu Josino, a cujo lado
Gozei de alegres, venturosos dias,
Enquanto o quis Amor e o quis o Fado;
Sócio meu, que ora atento e mudo ouvias
A minha branda lira maviosa,
Ora a seus ternos sons teu canto unias;
Tu, que da linda Márcia carinhosa
Inflamas com mil ósculos ardentes
As faces cor de neve e cor-de-rosa;
Tu, que no ingénuo peito não consentes
O vício, que por lei da Natureza
Mancha e corrompe os corações ausentes;
Tu, que adorando as aras da Beleza,
Tributas aos altares da Amizade
Puros incensos, exemplar firmeza;
Tu, que desta alma ocupas ametade,
Ouve o trémulo som, com que suspira
Dentro dela a tristíssima Saudade.
Desde que a existência expus à ira
Do fero mar, meu peito não sossega,
Meu pensamento esfalfa-se, delira.
Indomável paixão, que a todos cega,
De teus conselhos falta, honrado amigo,
À desesperação minha alma entrega.
Louco fui, não pensei (mil vezes digo)
Que em horas se trocassem de tormento
Horas tão doces, que passei contigo;
Fiei-me de um fugaz contentamento,
Devendo conhecer que os bens do mundo
São qual o subtil pó, que espalha o vento;
Por isso agora, aflito e vagabundo,
Estranho tanto o mal; por isso agora
De lágrimas sem fim meu rosto inundo;
Por isso, na paixão que me devora,
Invoco a muda *paz* da sepultura,
Da suspirada morte a feliz hora.
Miseros gostos! Mísera ternura!
Que sempre, injusto Amor, teus servos tenham
Queixumes que formar contra a ventura!
Uns, adorando ingratas que os desdenham,
Tarde no escuro abismo, em que descansa

O desengano horrível, se despenham;
Outros, chorando a pérfida mudança
De uma alma desleal, enfurecidos
Co'a morte arrostam, que no Inferno os lança;
Outros, enfim, como eu, correspondidos,
Depois, em longa ausência amarga e crua,
Arrancam das entranhas mil gemidos.
Tal, fraudulento Amor, é a lei tua,
Lei que o Fado aprovou para que a Terra
A si mesma se estrague e se destrua.
Ah, Josino fiel! Que horror faz guerra
Aos tristes olhos meus nestes lugares,
Onde me pôs a Sorte, onde me encerra!
Sem medo à fúria dos terríveis mares,
Vim do culto, benéfico Ocidente
Viver com tigres, habitar palmares:
Aqui tórrida zona abafa a gente,
Ferve o clima, arde o ar, e eu não sinto,
Que tu, fogo de Amor, és mais ardente;
Aqui vago em perpétuo labirinto
Sempre em risco de ver maligno braço
No próprio sangue meu banhado e tinto.
Mas caso dos perigos eu não faço,
E que posso temer, quando procuro
Rasgar da frágil vida o ténue laço?
Enche-me, sim, de honor o culto impuro,
Ídolos vãos, sacrílegos altares,
Vis cerimónias deste povo escuro.
Eterno Deus! Não longe de teus lares
Tépida nuvem de maldito incenso,
Dado ao negro Satã, perturba os ares.
Que tolerância tens, Monarca imenso!
Por mais crimes, Senhor, que o mundo faça,
Tudo releva teu amor intenso.
Desce, ah desce dos Céus, potente graça,
Difunde a santa luz, a santa crença
Pelos cegos mortais que o erro enlaça!
Volto, Josino, a ti. Letal doença
Do Báratro surgiu, veio intimar-me
A antiga, universal, cruel sentença;
Negras Lances abriu para tragar-me;
Porém cedeu, rugindo, à voz divina,
Que a vida, a meu pesar, quis conservar-me.
Eis que pérfida mão cabal ruína
(Sepultando o dever no esquecimento)
A todos nos prepara e nos destina.
Rasgado o peito co'um punhal cruento,
Ia baixar o teu choroso amigo,
Qual vítima inocente, ao monumento:
Uma alma infame, um bárbaro inimigo

Da Fé, das leis, do trono, um desumano
Merecedor de eterno, de infernal castigo,
Tendo embebido seu furor insano
Na falsa gente brâmane inquieta.
Que amaldiçoa o jugo lusitano,
Contra nós apontava a mortal seta.
Mas estorvou o inevitável tiro
A mão divina, poderosa e recta.
Desenvolveu-se o crime, inda respiro,
E já destes, ó réus de atroz maldade,
Em vis teatros o final suspiro.
Eis, amigo, a recente novidade,
Que da remota Goa ao Tejo envio
Nas murchas, débeis asas da Saudade.
A quem tem da tua alma o senhorio
Ofereço numa fêrvida lembrança
Provas do afecto, em que jamais esfrio.
Dize à minha dulcíssima esperança,
À suave prisão desta alma aflita,
Que no meu coração não há mudança;
Que estou gemendo aqui, bem como grita
Pelo perdido, alígero consorte
Viúva rola, que a floresta habita;
Que é a minha paixão, paixão tão forte,
Que há-de na escuridão da sepultura
Volver-me as cinzas, superior à morte;
E que espero, apesar da ausência dura,
Por milagre de Amor, que os meus gemidos
Voando aos lares seus, aos seus ouvidos,
Lhe vão justificar minha ternura.

III

ELMANO A URSELINA

Dos homens o mais triste e o mais amante,
O cego adorador da formosura
Em que Amor se esmerou no teu semblante,
Elmano é quem te escreve, é quem procura
Nos mansos olhos teus piedoso abrigo
Aos prantos da saudade e da ternura;
Elmano, que a seus ais sempre inimigo
Encontra o Fado, Elmano, que te adora,
Que tem por morte não viver contigo;
Que das ardentes lágrimas que chora,
Não cessa, quando a Noite estende o manto,
Não cessa, quando estende o véu a Aurora.
Ah meu doce prazer, meu doce encanto!
O condenado a males sempiternos
Não desespera assim, não sofre tanto.
Ternos amores, cada vez mais ternos,
Geram, pelo ciúme envenenados,
Dentro em meu coração fúrias e infernos.
Cuido que outro granjeia os teus agrados,
E, nutrindo a voraz desconfiança,
Exclamo contra os Céus e contra os Fados.
A vida, que prezei, me aflige e cansa;
A vida, que prezei porque iludia
Meus vãos desejos crédula esperança.
Frio horror os cabelos me arreperia,
Quando a imaginação me representa
Meigo esposo que ao tálamo te guia.
Como que o vejo co' a paixão sedenta
Manchar-te a leda boca purpurina,
De seu néctar dulcíssimo avarenta;
Como que o vejo... Oh, raiva!
E não fulmina A mão de Jove um bárbaro, um tirano,
Que me rouba o meu bem, que me assassina!
Raios! Puni-lhe o crime... Ah, cego! insano!
Desejar ser feliz, quando foi crime?
Cede ao Destino, abraça o Desengano;
Teu ciúme frenético reprime,
E entre os martírios, que a paixão te ordena,
Pasmoso, heróico estímulo te anime.
Adoçarás em parte a amarga pena
Do sumo bem que perdes, se atentares
Na desgraça a que o Fado te condena.
Tu, vago habitador de estranhos lares,
Que em vão buscaste o riso da Ventura
Por longas terras, por imensos mares;

Tu, sem tesoiro algum mais que a ternura,
Tu formarias o fatal projecto
De fazer desgraçada a formosura!
Quem sente na alma generoso affecto
Mais do que o próprio bem e o próprio gosto
Anda as ditas do adorado objecto.
O Céu é justo: o Céu não tem disposto
Que vivas co'a beleza que te encanta,
Unido peito a peito e rosto a rosto.
À dor tenaz que as forças te quebranta
Opõe da alta virtude o firme escudo,
E com tão novo assombro o mundo espanta.
Perde Urselina amável, perde tudo,
Morre enfim, se não tens valor bastante
Que impugne a teu pesar cruel e agudo.
Despreza a morte; a morte é um instante:
Com ela os ais têm fim, têm fim com ela
Quantos males semeia a Sorte errante.
Desarreiga o terror que a todos gela,
Rasga as veias e expira, articulando
O doce nome de Urselina bela.
Brandos suspiros de seu peito brando
Consagrará piedosa a tua amada
A teu triste cadáver miserando.
«Morreu, morreu por mim (dirá, banhada
Em lágrimas de amor e de saudade),
Ó paixão lastimosa e malfadada!
Morreu, morreu o exemplo da lealdade;
Ah, ternos corações!, chorai comigo
Caso tão digno de geral piedade.
Soem contínuos ais...» Porém que digo?!
Ah!, não, não soem, cândida Urselina,
Nem regues com teu pranto o meu jazigo;
Dos olhos a luz pura, a luz divina
Não deixes perturbar, antes, contente,
No peito de outro amante a face inclina.
Esquece Elmano, para sempre ausente
Da tua alegre vista encantadora,
E de mil bens te c'roe o Céu clemente.
Nunca a cega Fortuna enganadora
Contigo de seus mimos se arrependa,
Nunca te negue os dons de que é senhora.
Nunca o benigno coração te ofenda
Zelosa fúria; com seguros laços
Ao melhor dos mortais Amor te prenda.
Vive sempre ditosa entre seus braços,
Vive em serena paz, e adeus, querida,
Que para a morte já dirijo os passos.
Ela chama por mim, vou dar-lhe a vida:
Feliz eu, no fim mísero a que aspiro,

Se co'a boca amorosa à tua unida
Desentranhasse meu final suspiro!

IV

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Marquês de Pombal, etc., etc. (Henrique José de Carvalho e Melo)

*Seigneur, si jusqu'ici par un trait de prudence,
J'ai demeuré pour foi dans un humble silence,
Ce n'est pas que mon coeur, vainement suspendu,
Balance pour t'offrir un encens qui t'est dû.*

Boileau, *Discours au Roi*

Só conheço de ti grandeza e nome,
Magnânimo Pombal; jamais teus olhos
Com doce, amável, usual brandura
De meus destinos a humildade honraram;
Sempre Fortuna, do meu mal sedenta,
Vedou que, em teu louvor pulsando a lira,
Arremessasse o canto além dos tempos,
E em prémio fosse de te dar meus hinos
Contigo reluzir na eternidade.
Declive espaço, que entre nós se estende,
Frouxo alento abatia ao vate ansioso,
Quando apenas tentava o cume excelso
Onde, recta uma vez, não caprichosa,
Te ergueu, te anima, te laureia a Sorte.
Hoje, porém, Senhor, que má Ventura
Golpes e golpes sobre mim desfecha,
Hoje que férrea lei de negros fados
Me esmaga o coração, me enluta os dias,
Ao desmedido espaço a dor se arroja,
Lenitivo benéfico implorando,
Vence o longo intervalo, a ti se eleva.
Dá-me tão alto jus tua alta fama,
Minha tribulação tem jus tão alto.
Perante as almas que a virtude acende,
É grave intercessor a adversidade:
O mortal infeliz, o desvalido
Invoca o generoso, o pio, o grande;
O grande, o pio, o generoso abriga
Das fúrias do Destino o malfadado.

Cárcere umbroso, do sepulcro imagem,
Caladas sombras de perpétua noite
Me anseiam, me sufocam, me horrorizam.
Não rebelde infracção de leis sagradas,
Não crime que aos direitos atentasse
Do Sólido, da Moral, da Natureza,
Neste profundo horror me tem submerso.

A calúnia falaz, de astúcias fértil,
Urdu meus males, afeou meu nome,
Mil e mil vícios extraiu do Averno.
Minha fama, Senhor, que honrada, ileza,
Vagava o seio de Ulisseia altiva,
Foi pelo estígio bando assalteada:
Bramindo, lhe enegrece a tez lustrosa,
Torna-lhe a nívea cor da cor do abismo.
Doira zelo impostor paixões danadas,
Delatores cruéis com arte envolvem
Vis interesses no exterior brilhante
Da Razão, da Justiça e da Verdade;
Cai a Inocência, vítima da Inveja,
Dos zoilos o rancor de mim triunfa.
Eis-me vedado ao Sol, vedado ao Mundo,
Eis a reminiscência apenas traça
O quadro do Universo à minha ideia,
Que, se aos olhos ilusos dera assenso,
Julgara que inda os céus, que inda as estrelas
Não tinham rebentado à voz do Eterno;
Que a antiga escuridão, que o caos informe
No que hoje é Natureza inda reinava;
Que na mente imortal do rei dos Fados
Inda em mudo embrião jazia a Terra.
Memória e dor minha existência provam,
Porém dor e memória o ser me azedam,
E a desesperação, desfeita em pranto,
Inútil vida aborrecendo, anda
A paz e o sono do insensível nada.
Sobre meu coração tormentos fervem,
E, pela fantasia exacerbados,
Se embebem no vapor da morte horrenda.
Dum lado em trajo infame a vi! Afronta,
Sórdido espectro me afogueia o rosto;
A doce Pátria de outro lado aflita
Um doloroso adeus me diz carpindo;
Aqui e ali mil pálidos fantasmas,
Prole do Medo, com visagens feias,
Série me agoiram de amargosos danos.
Nestes horrores a existência pasma,
O exercício vital em ócio fica,
Sentidos, forças o terror me absorve.
Tal é, génio preclaro, a ordem triste
De meus funestos, nebulosos dias,
Dias marcados no volume eterno
Pela tórrida mão da Desventura.

Ah! No maligno século corrupto
Em que o duro egoísmo abrange a terra,
Inda restam, Senhor, ao desditoso

Benignos corações, que se repartam,
Que para os seus prazeres só não vivam,
Que sintam, que venerem, que pratiquem
Lei no altar da Razão por Jove escrita,
Lei na infância do mundo ao mundo imposta:
«O homem favor e asilo ao homem preste,
Mútua beneficência os entes ligue.»
Teu grande coração colheu tais dotes
No tesouro onde os zela a Natureza,
Mesquinha de seus dons co' a terra ingrata,
Além da condição, o heróico exemplo
Em teu peito arreigou feliz semente,
Da qual se ergueram generosos frutos.
O varão providente, o pai da Pátria,
O assombroso Carvalho, o luso Atlante,
Cujá vista mental descortinava
Os sumidos arcanos tenebrosos,
Onde sagaz Política se entranha;
O decantado herói, que dentre as cinzas,
Dentre os dispersos, lúgubres estragos,
Efeitos de fenómeno terrível,
Mais ampla fez surgir, surgir mais bela
A vasta fundação dos gregos duros;
Que de soberbas torres majestosas,
De ingentes, sumptuosos edificios
Os ombros carregou da alta Lisboa;
O político excelso, a cujo aceno
Vinham, prenhes de fúlgidos tesouros,
Alterosos baixéis arfar no Tejo,
E a risonha Abundância dadivosa
Da fausta Lusitânia enchia os lares;
O zelador fiel do altar, do trono,
O escudo, o criador das leis, das artes;
Aquele, enfim, Senhor, que o véu soltando
Em que etérea porção jazia envolta,
Vive nos corações, nos céus, na fama,
Teu memorável Pai te abriu a estrada
Por onde foste ao Pólo em que és luzeiro.
Nos Elísios curvada a sombra ilustre,
Olhos fitos em ti, de lá te acena,
De lá te influi espíritos sublimes,
Prestante emulação com que o renova.
Herói, fruto de herói, protege, ampara
Ente oprimido, infeliz, que a ti recorre;
Lava-lhe as manchas da calúnia torpe;
Ao trono augusto da imortal Maria
Com lamentosa voz dirige, alteia
Do mísero Bocage os ais e as preces;
Desfaz a treva que lhe espanca o dia,
Rompe as correntes, cujo som medonho

De Febo os gratos sons lhe descompassa,
Tremendo ao feio estrondo a voz e a dextra.

Já tocaste, Senhor, da glória o cume,
Sócios (inda que raros) tens contudo:
Deles pode isolar-te um grau mais alto,
Grau onde o Fado oculta o bem que imploro.
Das avarentas mãos sobe a arrancar-lhe
O defeso penhor, minha ventura.
Nisto é virtude transcender o extremo:
Remindo um triste de opressão tão crua,
As balizas transpõe da heroicidade.

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Pedro de Lencastre e Silveira Castelo Branco, Marquês de Abrantes, Mordomo Fidalgo da Misericórdia

Tu, de antigos heróis progénie excelsa,
 Ramo de régia planta derivado,
 De acudir ao pequeno, ao desvalido,
 Tens, benigno Marquês, dever sagrado.
 Depois de conferir-te um grau sublime,
 Ainda não contente, a Divindade,
 Une-te à posse de ínclita grandeza
 O santo ministério da piedade.
 Ocasão te dá para exerceres
 Afável, paternal beneficência,
 Na estância da opressão, cá onde o crime
 Caminha par a par co'a inocência.
 Aferrolhada, miserável turba
 A quem cinge o grilhão e a fome abate,
 Já cuida que te vê na mão prestante
 Dádiva pia e pródigo resgate.
 Qual por ermos incógnitos perdido
 O lasso caminhante o dia anela,
 Deseja dentre sombras triste chusma
 Ver luzir teu favor nos males dela.
 Do número infeliz que te suspirar
 Lastimosa porção me fez a Sorte;
 Lançou-me em feio abismo onde parece
 Que entre seus cortesãos preside a Morte.
 Que é morte? Solidão? Silêncio? Trevas?
 Tudo isto ocupa o lúgubre aposento:
 Silêncio, trevas, solidão me abrangem,
 E horrores multiplica o pensamento.
 De atroz perfídia as nódoas não me infamam,
 Remorsos me não fervem na tristeza,
 Em bárbaras acções, em negros crimes
 Não tenho profanado a Natureza.
 Com feno abominável entre as Fúrias,
 Ímpio golpe não dei no pátrio seio:
 Sempre a cauta razão me tem sustido
 Relutantes paixões com útil freio.
 Desventurado sou, não sou perverso
 Ao jugo de altas leis o colo inclino,
 E no humano poder contemplo, adoro
 Augusta imagem do poder divino.
 Torpe, invejosa, pérfida Calúnia,
 Monstro devorador da honra alheia,
 Não me prostra o valor de todo ainda,
 Com vê-la tão cruel, com ser tão feia.

Os danos que me urdiu, baldar-lhe espero,
Nos sentimentos meus e em ti fiado;
Tu, grande, tu, benéfico, tu, forte,
Empreende a glória de vencer meu fado.
Protege a causa do infeliz, que invoca
Teu nome, o teu fervor, tua piedade;
Guia os suspiros meus e as preces minhas
Ao trono, onde reluz a Humanidade.
À grandeza e virtude asilo imploro;
Tu gozas da virtude e da grandeza;
Estes brilhantes dons comigo apura,
Terá mais um triunfo a Natureza.

VI

*Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Tomás Xavier de Lima Brito
Nogueira, Marquês de Ponte de Lima*

Se aos míseros, Senhor, não é vedado,
No abismo em que os confunde a desventura,
Seus males exprimir, chorar seu fado,
Minha consternação, minha amargura
Vai demandar em ti sagrado asilo,
Acolheita eficaz em ti procura.
Têm as angústias enfadoso estilo,
Mas tu, atento às leis da Humanidade,
Tu não te hás-de enojar, Senhor, de ouvi-lo.
Outros querem louvor, eu só piedade;
Piedade, que a perder o gosto à fama
Até já me ensinou a adversidade.
De etéreo dom, que espíritos inflama,
A chama nos suspiros se evapora,
Ou se apaga nas lágrimas a chama.
Dos loiros que cingi não cuido agora:
É meu único objecto o lenitivo
Da tenaz aflição que me devora.
Em cárcere a que o Sol medroso, esquivo,
Seu lume benfeitor jamais envia,
E onde somente a dor me diz que vivo,
Na ideia com que apenas sei que há dia,
Encarando, Senhor, tua grandeza,
Tua alma generosa, afável, pia,
Dentre as sombras da noite e da tristeza
Vendo luzir mil dons, com que a Ventura
Se uniu por glória tua à Natureza,
A sorte se me antolha menos dura;
Pondero o teu favor, saudável porto
Contra horrores de procela escura.
Por vil calúnia moralmente morto,
À física extinção darei o alento,
Se imaginário for este conforto.
O rumor que me ultraja é fraudulento;
Senhor, meu coração não jaz corrupto,
Corrupto não está meu pensamento.
Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto;
Do triste, do infeliz não olho ao dano
Com férreo desamor, com rosto enxuto;
Vejo a cópia de um Deus no soberano;
Curvo-me às aras, em silêncio adoro
Da alta religião o eterno arcano.
Sim, erros cometi, mas erros choro
Não com pranto sagaz que a vista ilude:

Da abjecta hipocrisia ardis ignoro.
O brilhante carácter da Virtude,
Arma contra os aspérrimos destinos,
Tem cultos meus: o imparcial me estude.
Na quadra das paixões, dos desatinos,
Se deixei de cumprir, fiel e exacto,
Preceitos veneráveis, sãos, divinos,
Não sou para com Deus só eu o ingrato;
Muitos, que me enegrecem, que me afeiam,
São talvez meu modelo ou meu retrato.
Remorsos devorantes não me anseiam;
Mais fraqueza do que índole, meus vícios
As forças da Razão me não sopeiam.
Eis, Senhor, porque espero achar propícios
Teus influxos comigo e que derrames
Por minhas aflições teus benefícios.
De mordazes insectos vis enxames
Me ferem, me envenenam; vão lançando
Sobre o carácter meus labéus infames.
Embebe o coração flexível, brando,
Na maviosa dor que em mim suspira,
Que em mim por teu socorro está chamando.
O Deus a que um só ai remove a ira,
O eterno, o benfeitor, o onnipotente,
Doce demência na tua alma inspira.
Se apraz aos Céus um ânimo inocente,
Também é grato aos Céus o arrependido:
Uma lágrima extingue o raio ardente.
Deixa pousar, Senhor, no atento ouvido
A queixosa, tristíssima language,
As súplicas e os ais de um perseguido.
Do susto, da opressão, do horror, do ultraje,
Solta, restaura com piedade intensa
Os agros dias do infeliz Bocage.
Teu braço, teu poder meus fados vença,
Como atras nuvens de vapor maligno
Rebate o Sol co'a fúlgida presença;
Ganha-me a compaixão do herói benigno,
Do Príncipe imortal, que em nós impera,
Não só de um trono, de mil tronos digno;
Tolhe-me às fúrias da calúnia fera,
Que o prémio singular, prémio sublime,
O que o Mundo não dá, nos Céus te espera.
Teu peito de meus males se lastime;
Erros tenho, não crimes, cometido;
O erro exige perdão, castigo o crime.
Inda que da Ventura és tão querido,
Inda que o Céu te ergueu a excelso estado,
Mais é valer, Senhor, ao desvalido,
Mais é tornar feliz um desgraçado.

VII

Ao Senhor Joaquim Rodrigues Chaves

(Epístola improvisada)

A ti, que às outras leis da Humanidade,
Cumprindo-as, antepões a mais formosa
De todas as virtudes, a Piedade;
A ti, cá de erma estância pavorosa,
Onde férreo poder o some ao dia,
Voa do ansioso amigo a voz queixosa,
A voz de Elmano, a voz que te atraía,
Quando em mimoso verso eternizava
Graças, encantos, perfeições de Armia.
Meus puros dias o prazer doirava,
Enquanto contra mim fatal procela
No bojo da calúnia fermentava.
Onde crime não há, não há cautela;
Por não temer-me da brutal crueza,
Qual vítima sucumbo às fúrias dela.
Fera, ardente aversão, no Inferno acesa,
Em grave tribunal ousou pintar-me
Escândalo do Céu, da Natureza;
Dos vícios que levava, ousou manchar-me;
Foi escutada a vil, a vil foi crida,
Dura força correu a agrilhoar-me.
De feroz condutor mão desabrida
Eis me arremessa em hórrida masmorra,
Onde co'a morte se parece a vida.
Aqui, longe de haver quem me socorra,
Na solidão funesta em que desmaio,
Sem que importe ao rigor que eu viva ou morra;
Neste da sepultura escuro ensaio,
A que às vezes o Sol compadecido
Dirige a furto, a medo, um ténue raio;
Volvendo-te, meu Chaves, no sentido,
Os benefícios teus chamando à mente
E os males de que fui por ti remido,
Surjo dentre as angústias de repente;
Desenrugando as faces a Tristeza,
Uma doce esperança me consente.
O Soberano Autor da redondeza
Parece que te quer, piedoso amigo,
Da minha redenção fiar a empresa.
De Bocage infeliz sê pronto abrigo,
Estorva que se mirre um desgraçado
Neste mal, neste horror, neste jazigo.
Do crime corruptor não fui manchado;

Alta religião me atrai, me inflama,
Amo a Virtude, o Trono, as Leis, o Estado.
Acima de meus zoilos me ergue a Fama:
Eis porque o negro bando atroz, maldito,
Sobre as minhas acções seu fel derrama.
Só erros cometi (é este o grito
Da ingénua consciência), mas padeço
As penas com que a lei fere o delito.
Depois que nestas sombras esmoreço,
Duas vezes brilhando a plena Lua
Tem roubado às estrelas o áureo preço.
Ah! Funde-se o teu nome, a glória tua
No pio intento de romper-me o laço
Que a Sorte me lançou raivosa e crua.
Do benigno Laurénio invoca o braço,
O braço protector dos desditosos,
Jamais em dons benéficos escasso.
Ele aos ouvidos fáceis e piedosos
Do sublime varão, do egrégio Lima
Conduza meus suspiros lastimosos;
Que eu, a quem Febo acolhe, acende, estima,
Da honrosa gratidão arrebatado,
Ornarei seu louvor de eterna rima.
Os Céus na sua mão depõem meu fado:
Alma heróica, imitando-lhe a demência,
Me arranque deste cárcere enlutado
E me reforce a lânguida existência.

VIII

Ao Senhor António José Álvares

(Epístola dedicatória)

*Usus amicitiae tecum mihi parvus, ut illam
Non aegre posses dissimulare, fuit.*

Ovídio, *Tristia*. Liv. III, eleg. V

A minha gratidão te dá meus versos:
Meus versos, da lisonja não tocados,
Satélites de Amor, Amor seguindo
Co'as asas que lhes pôs benigna Fama,
Qual níveo bando de inocentes pombas,
Os lares vão saudar, propícios lares,
Que em doce recepção me contiveram
Incertos passes da Indigência errante;
Dos olhos vão ser lidos, que apiedara
A catástrofe acerba de meus dias,
Dos infortúnios meus o quadro triste;
Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate opresso,
Que o peso dos grilhões me aligeiraram,
Que sobre espinhos me esparziram flores,
Enquanto não recentes, vãos amigos,
Inúteis corações, volúvel turba
(A versos mais atenta que a suspiros)
No Letes mergulhou memórias minhas.
Amigos da Ventura e não de Elmano,
Aónio serviçal de vós me vingá;
Ao nome da Virtude o Vício core.

Não sei se vens de heróis, se vens de grandes;
Não sei, meu benfeitor, se teus maiores
Foram cobertos, decorados foram
De purpúreos dosséis, de márcios loiros;
Sei que frequentas da Amizade o templo,
Que és grande, que és herói aos olhos dela
E eu menos infeliz que tu piedoso.
(A ideia na expressão me cabe apenas!)
Alma iludida, espírito indigente
Se paga, não do que é, do que outros eram;
Os Manes dos avós em vão revoca,
Lustre quer extrair do horror da Morte,
Remexe as cinzas e recorre ao nada.
Tu, dádiva do Eterno a meus desastres,
Tu não careces de esplendor postiço;

Tens os títulos teus nas acções tuas,
Por índole a Virtude, o Bem por norma,
A glória de o fazer e de ocultá-lo;
Eu a glória também de expô-lo ao mundo,
De ornar com teu louvor a Humanidade.

Embora a falsa Opinião maligna
Dardeje contra mim, fulmine a honra,
O carácter de Elmano. Eu tenho Aónio,
Eu tenho a consciência; ambos me escudam,
Munido de ambos à mordaz caterva
Posso afoito bradar: Mentis, perversos!
Quem preza a gratidão não preza o vício;
O mortal vicioso é sempre ingrato.

IX

Resposta ao Ilustríssimo Senhor Sebastião Botelho, da Casa dos Excelentíssimos Condes de São Miguel

*Certum est in silvis, inter spelaea ferarum
Malle pati, tenerisque meos incidere amores
Arboribus: crescent illae, crescetis, amores.*

Virgílio, Écloga X

Se lúgubre existência amargurada
Merece acaso de existência o nome,
Se as lágrimas, se os ais, se a dor são vida,
Se não é a alegria essência dela,
Consola-te, Salício: existe Elmano.

Mas se em torno ao sepulcro os Manes gemem;
Se, roto o véu que a Natureza envolve,
Inda em nós, como dantes, arreigado,
O sentimento é rei, e é rei tirano:
Se nos montes da imensa Eternidade
Memórias, sensações, martírios duram,
Levados deste globo insano e triste;
Se cada pensamento é lá verdugo,
Qual ao não pago amante é sobre a terra;
Se em míseros como eu, que em vão sonhassem
Num só momento ressarcir mil dias,
Se em míseros como eu, que tenham visto
Feroz ingratidão falsear-lhe os gostos,
Inda lá deste horror a imagem reina,
E entre os risos do Céu negrejam Fúrias,
Que, mais e mais bramindo, ardendo, assanhem
Os ciúmes, a peste, a morte da alma;
Se tanto de infelices amadores
Pode o ferrenho, inexorável Fado,
Suspira, terno amigo: Elmano é morto.

Não foi crua ficção de antigos zoilos
Que de mim disparziu funéreo anúncio.
Quem meus ais escutou, quem viu meus males
E o duro, inevitável seu progresso
(Sendo um só deles, o menor de tantos,
Para os fios vitais idóneo golpe),
Crer não devera que no ansioso amante
Em morte infausto amor se convertesse,
E mais quando suspeitas ltuosas
Até da ausência minha se ajudavam?

Só tu, febeu cantor, só tu e Ulina
Ao mundo o coração me tínheis preso.
Ela foi-me cruel, tu me deixaste;
Eu sem ela, eu sem ti não era Elmano,
Era um fantasma, que gemia errante
Pelos ermos vastíssimos da morte,
Entre as aves da noite, entre os ciprestes,
Elas, que o pranto extremo em ais agouram,
Eles, que, amigos das caladas cinzas,
Às urnas dão piedosa e triste sombra.
Sim, desapareci, voei, Salício,
D'ante os lumes do Sol, fechei meus dias
Na dor, na solidão, na escuridade.
Quis, quis punir os temerários olhos
Da desditosa audácia, antes insânia,
De verem, de atentarem cobiçosos
Celestes perfeições, ah!, cujo néctar
Depois no coração se fez veneno!

Meus olhos castiguei, inda Os castigo
Com total privação de quanto é gosto;
Da peçonha amorosa, em que flutua,
Neles o coração se está vingando;
Para se despigar, cruel consigo,
A menor distração não sofre aos olhos,
Suave distração (de que pudera
Também participar) não lhes consente
Que, errando aqui e ali por entre Graças,
Como a abelha sagaz por entre as flores,
Em rosas, em jasmims, em neve, em oiro,
Nos melindrosos, virginais feitiços
Vão colhendo o que a Terra em Céu transforma,
E com maga ilusão talvez presumam
De objectos mil e mil no mais formoso,
No mais encantador gozar quem amam.

Só fúnebres imagens carrancudas,
Só pranto em fio o coração permite
Aos do seu dano artífices incautos.
Não mais hão-de arrostar, para alegrar-se,
Não mais hão-de arrostar senão Salício,
Se inda olhá-lo uma vez os céus me derem,
Ao menos uma vez..., uma! E quem sabe?
Pode ser ousadia esta esperança:
Tanto, ah!, tanto a existência em mim vacila!

Tu, feliz, porque Amor e a Formosura
Com tirânicas leis, de férreo peso,
Alvedrio e razão te não sufocam;
Tu, que pões a altivez da liberdade

Junto ao poder fatal, que as atropela;
Que, de alvas, meigas Ninfas ladeado
Lá, nesses campos, onde o Tejo estende
As vagas de cristal por margens de oiro,
Cantas de amor, sem que de amor suspires:
Qual diz a fabulosa Antiguidade
Que viu no fogo a salamandra ilesa,
Ou qual, sem se abrasar, sem consumir-se,
O assombroso amianto em si mantinha
Ardor, que os lenhos corpulentos come.

Ai! Se desses gentis, louções objectos
Só júbilos extrais, carícias, flores,
Teme que as flores víboras ocultem,
E que sejas mordido onde amimado.
Dos risos da alegria Amor se enfeita,
E invisível prisão nos forja e lança:
É doce, é brando Amor em seu princípio;
Amor em seu progresso é agro, é duro.
Olhos da cor dos Céus, se o dia os orna,
E olhos da cor dos Céus, se os veste a noite,
Virgíneos lábios, exalando aromas,
Descendo a níveo colo anéis dourados,
Com que os Amores e os Favónios brincam;
Lindas mãos, lindo seio, e tudo. lindo,
Nectáreos mimos de fagueiras Nises,
Penhas amolgam, mármore derretem;
E para mil troféus ganhar num ponto,
A beleza (ai de mim!) não, não carece
De quantas forças tem: qualquer sorriso,
Um descuido, um silêncio, um gesto, um nada,
São para os corações incêndio, laços,
E as vezes precipício, e morte às vezes.

Acautela-te, ó vate! Amor não dorme:
A noite em guerra o vê, e o dia em guerra,
E o campo da batalha é todo o mundo.

Um meio há só, talvez, que os golpes frustrare,
Vibrados pela mão do Deus das setas
As almas que a Razão forrou de exemplos,
Tais como o exemplo meu, que a ti, que a todos,
Padeçam co'a ternura, ou não padeçam,
Deve (amigo farol) guiar nas ondas
Do pego tormentoso, Amor chamado,
Até que vão surgir no Desengano,
Porto esquivo aos baixéis, nublado aos nautas,
De frequente escarcéu lassos e rotos.

Um meio existe, pois, e quão saudável!

Contra a geral paixão, paixão suprema:
É da Amizade no benigno seio
Apurar a existência, os gostos dela;
Não só viver em si, viver em outrem;
Ter duas possessões, dois sofrimentos
Já no bem, já no mal, e em turvejando
A hora de pavor, que os reis não poupa,
Ter jus de proferir com voz sumida
Ao amigo fiel, metade nossa:
«Fico existindo na existência tua.»

Destarte, e sem delírio, e sem remorso,
Vivas sedes de amar, de ser amado,
No espírito se abrandam, se contentam;
Destarte puro afecto, alegre e manso,
Substitui a paixão, que vezes tantas,
Fonte de vícios, a constância arrasta,
Enxovalha a moral, apaga o siso,
E entra num mar de pranto, ou num de sangue.

O Céu te deparou, feliz Salício,
Esse bem social, tão raro agora:
Tens no amável Dirceu, tens um tesouro
De alta amizade, cordial, fervente,
Daquela que luziu nos áureos tempos,
E de que és tão credor na férrea Idade.
Com ele, com seu nome a lira exerce:
O louvor da Virtude é lei nos vates;
Por mais esse caminho aos astros sobe.
Pinta o digno consorte, a digna esposa,
Os dois em que himeneu sempre e ternura,
Sendo ou discórdia ou dissabor em tantos:
Nesses doces afectos inocentes,
Esquivo a Amor, teu coração se enleve.

Mas que serena, luminosa ideia
Do escuro da aflicção me surge na alma!
Ideia só não é... Que luz! Que assombro!
Que imagem! Que visão! Eis a meus olhos,
Eis a meus olhos, em purpúreo globo,
A par de génios cem, risonhos, belos,
Bela e risonha, de rubis os lábios
A frente de açucenas guarnecida,
De neve a face, que variam rosas,
Na dextra empunha divinal donzela
Palma viçosa, do triunfo emblema!
Olhos, no eterno Sol purificados,
Inclina sobre a Terra, e co'um suspiro
(Suspiro que é prazer) perfuma os ares.

Ergue, ah!, ergue, Salício, ao sacro objecto
Vista maravilhada; ele te acena;
Ele chama por ti, por ti suspira,
E as delícias do Céu deixou por ver-te.
É Marcina, é Marcina, a glória tua,
Timbre de Amor e da Virtude esmero;
É Marcina, é Marcina, aquela, aquela
Cujas graças morais e externas graças
Séculos hão custado à Natureza;
E ela, cujo espírito brilhante,
Tesouro que do Céu caiu na Terra,
Teus momentos dourou, dourou teus fados;
Ela, que humana foi, mas só na morte;
Divina em tudo o mais. Õ tu, que outrora
De quantos em ternura o peito inflamam
Eras o mais ditoso! Atende, escuta
Que frase encantadora a teus ouvidos
Vem das macias virações no adejo:
«Esse globo infeliz não tem Marcinas;
O extremo das paixões morreu comigo:
Memórias minhas teus amores sejam.»

Assim com vozes, que destilam néctar,
Te fala a semideia, e volve aos numes
Entre os filhos da luz... Talvez foi sonho
A santa aparição! Talvez minha alma,
Afeita à sua ideia, a dar-lhe cultos,
Talvez a fantasia extasiada
Aos olhos corporais fingiu Marcina!
Porém fosse ilusão, verdade fosse,
Eu, vítima de ingratas, eu, Salício,
De paixão cega desgraçado exemplo,
Repito o que julguei que a tua amada
Da rósea boca te enviava ao peito:
«Neste globo infeliz não há Marcinas;
O extremo das paixões morreu com ela:
Memórias suas teus amores sejam.»

X

Ao Ilustríssimo Senhor Sebastião (Xavier) Botelho

*...Carmina possumus
Donare, et pretium dicere muneris.*

Horácio, Liv. IV, ode VIII

Ao grão vate Salício o vate Elmano,
Como ele devedor à Natureza,
Mas não como ele devedor ao Fado,
Cá dos lares tristíssimos que habita,
E onde quase evapora em ais o alento,
Se é que a pode enviar, saúde envia.

Acolhe, doce amigo, às Musas dado,
Acolhe ingénuos sons de aflita Musa,
Que entre flores outrora, entre delícias,
Entre os sonhos de Amor, verdade às vezes,
Cópia do Céu, no cândido regaço
De alvas, fagueiras, perigosas Lílias,
Passou dias de glória, instantes de oiro,
Do Tejo transparente à margem bela
Cantando a vida, como o cisne a morte.

Contigo falo, que do Pindo houveste
O solene idioma, o tom dos numes,
A voz que longe vai, que longe sobe,
Que soa além do mundo, além dos tempos.
Falo contigo, a ti, que tens na mente
O tesouro brilhante, inexaurível,
O ígneo foco de altívolas ideias,
Em que Jove reluz, qual é no Olimpo;
Falo contigo, a ti, que tens na mente
Poder de eternizar e eternizar-te.

Estranho não será nos teus ouvidos,
Aos milagres da lira e do estro afeitos,
Que, ufano do que foi, blasone um vate,
Já claro como tu nos dons de Febo.

Contra a nobre altivez que em mim ressurgue,
Uive o zoilo mordaz, injúrias ladre;
De rojo pela terra a vil serpente
Da águia, que arrosta o Sol, deteste os voos;
Sejam no tribunal do vulgo inerte
Sombra o fulgor, o entusiasmo insânia;
Veja, olhados dali, qual ócio inútil

Seus mil suores o imortal de Esmirna;
A cega Opinião, que reina em tudo,
Ponha embora a nível Marões e Bávios,
Que eu, tu e alguns (quão raros!) já vingando
Cumes e cumes de entrepostas serras,
Trilhamos fadigosa estrada imensa,
Que vai da Natureza à Eternidade.

Dignamente de nós falar podemos,
Não se ata o desar nosso ao nosso alarde:
Quem de celestes dotes se gloria
Honra menos a si do que honra os Numes.
E se a turba sem nome, avessa aos vaies,
Este firmado orgulho em mim condena,
Bem da minha altivez meus ais a vingam;
Bem descontado está nos meus desastres,
E nos tormentos meus a glória minha,
Tormentos que me agouram ténue resto
Ao que é mais duração do que existência.

Entre os danos de Amor e os da Ventura,
Quase lenho agitado em altas ondas,
E entre negros tufões, que opostos bramam,
Dum lado, sobre nuvem cor do Averno,
Olho a deusa do mal, do horror, do pranto;
Vejo o que tu não vês, nem ver mereces
(E nem eu mereci), vejo a Desgraça,
De ameaço no rosto, a mão no raio,
A meu peito assestando o tiro, a morte,
Mas sem de audaz vigor despir meu peito.

De Ulna ingratições eis doutro lado
Contra mim, como Fúrias, arremetem.
Aqui cerradas trevas se apavoram,
Esmorece o valor, naufraga o siso,
Soçobra o coração: para a minha alma
Nas procelas de Amor não há Santelmo.

Preso a tantos martírios, a Indigência
Os apura, os irrita, os desespera:
É ela, caro amigo, é mais que Febo
Quem me arranca do espírito enlutado
O metro carpidor em que a deploro,
Qual nas margens do Tibre ao Venusino.

Tuas virtudes, teu carácter grande
Na Pátria, que honras, a experiência aclama;
Mas tenho a meu favor, para invocar-te,
Jus mais alto: és feliz; sou desditoso.

XI

A Anália

Depois que derramaste em meus delírios
O orvalho da piedade, Anália minha,
Chamou-me a densa noite aos tristes lares,
Tristes sem ti, meu bem, feios e escuros;
Dignos porém de Jove, e Céus de Elmano,
Se abrilhantados por teus olhos fossem,
Se o doce peso do teu pé sentissem!

Toda em ti recolhendo a fantasia,
Achando amor e a vida em ti somente,
E o Mundo, a Natureza, o Fado, a Glória,
Sonhos julgando o mais, o mais fantasmas,
Cevei meu coração na tua imagem,
Na ideia de teus mimos, de teus lábios,
Dos lábios que desatam dentre as rosas
Em áureas fontes as delícias da alma!

Engolfada a paixão num mar de encantos,
Ao solitário leito o corpo entregue,
Fatigo o pensamento e cerro os olhos.

Eis que o falaz Morfeu, cem vezes brando,
Mil vezes (ai de mim!) duro aos amantes,
Do teu fido amator te expõe defronte
Raivosa, fulminante, inexorável,
Da boca, em vez de néctar, fel soltando.
Co'as Fúrias e co'a Morte a abrir meus Fados,
A revolver o horror que tinham dentro,
A enegrecer meus dias, a ostentar-me
Num desprezo cruel males sem conto,
O Inferno todo num adeus terrível.

Tremeu-me o coração, qual treme a folha
Que os rápidos tufões bramando agitam;
Arrepio-me, e suo, e choro, e clamo:
«Ai! Cumpriram-se, Anália, os meus destinos!
Foges de mim, de Amor; nem fé, nem votos,
Nem lágrimas, nem ais teu peito abrandam,
Esse que outrora ao mínimo queixume
Em meigas sensações se amolecia!
Anália, doce amor de meus sentidos,
Dos olhos do infeliz, que tanto amavas,
Não valem para ti, não valem prantos.

«Céus! O que era! O que sou! Fui Rei, fui Nume,

Quando, mais Numes que eu, teus olhos davam
À .minha alma outro ser; quando, embebidos
Nos voos que soltou meu pensamento,
A luz toldavam de amorosas sombras,
Ou, bálsamo de Amor, caiu teu pranto
Sobre meu coração, e à doce chaga
Foi refrigério salutar, divino.

«Ó mudança fatal, mudança horrenda!
Negro ciúme, produção do Averno,
Tu, de serpes c'roado, envolto em chamas,
Do sempiterno horror surgindo à Terra,
Mil fúrias, mil delírios me entranhaste;
Dentro em mim fibra e fibra atassalhando,
Tua essência me deste: eu sou tu mesmo.

«Trouxesses-me, cruel, a insânia, o fogo,
A dor, o último golpe, e não trouxesses
Ao mísero amador contigo o crime;
Não me ensopasse teu veneno a língua,
Não fervessem na voz blasfêmias tuas,
O mimo, a candidez não profanasses
Daquela por quem vivo e por quem morro,
Daquela que ultrajei, porém que adoro,
Daquela em cujas iras, quando as sofro,
De um Deus que pune, se me antolha o raio,
Daquela... O coração co'a dor não pode,
Não pode co'o remorso, e nas angústias,
E nas palpitações dilata o golpe,
O golpe que só tem na morte a cura;
Se há morte para os tristes, se o Destino
Não dá (porque os tormentos lhe eternize)
Existência de ferro aos desgraçados.

«Ai, Anália, ai meu bem, meu Céu, meu tudo;
Inda que de meu mal teriam feras
Compaixão, que não tens, e os meus suspiros
Marpésia rocha tornariam branda,
Nunca, nunca de mim te compadeças,
Insensível contempla, ouve insensível
Minha extrema aflição, meus ais extremos;
Vê-me tintos de morte a face, os olhos,
Sente-me a voz perder-se entre soluços,
Ir-me fugindo a luz por sombra imensa,
A luz vital, e a chama endeusada,
Estro incansável que, fervendo, erguia
Ao Céu minha ternura, ao Céu teu nome,
E tantas vezes já foi grato enleio,
íman suave, que atraiu teu gosto,
Que a tua alma enlaçou... Não, minha amada,

O misérrimo estado em que hás-de olhar-me,
Uma lágrima só te não mereça.
Nenhum castigo expia atrozes crimes;
Sou réu, sou réu de Amor, e Amor me pune.
Adoro, beijo a mão que me fulmina!
Cedo a meus Fados, a teus olhos cedo,
Que teus olhos, Anália, são meus Fados:
Deles vivia Elmano, e deles morre.

«Mas quando os membros meus já forem cinzas,
Na estância do pavor, co' o pé mimoso
Pisa a funérea campa e diz: “Amei-te,
Amaste-me, infeliz; matou-te amar-me.”
Este o só galardão que Elmano implora,
Este o só galardão que, entre os horrores
Da eterna escuridade, entre os fantasmas
Do abismo tenebroso, há-de suprir-me
O Céu, teus olhos... Morro... Adeus, querida!»

Não pude prosseguir, e um grito, um grito
Todo amor, todo teu, me voa e rompe
Do horrível pesadelo o férreo laço.
Somem-se as larvas da ilusão medonha,
Em minha alma outra vez a imagem tua
De sorrisos, de amores brilha ornada,
De constância, de fé. Respiro, exclamo:
«Anália o disse, o jura, Anália é minha;
A promessa de Jove é como a sua:
Ó Céus! Vós não mentis, nem mente Anália.»

XII

Ao Ilustríssimo Senhor Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, Desembargador da Relação do Porto

O vate Coridon, tão caro a Febo,
O vate Coridon cantava outrora
Que a metro sonoro altas ideias
Ante os áureos tremós não se reduzem;
Que, opulenta de si, que em seus tesouros,
Tesouros divinais, embelezada,
Digna prole dos Céus, a Musa enjeita
Forrados camarins de sírias telas;
Que deles não subiu nas tubas cento
O ilustre malfadado, o luso eterno,
Que ali novo esplendor à Natureza,
Maravilhas ao globo ali não dera
O que na alma lhe ardeu, furor sagrado,
Nem da Glória na estância um grau sublime
Ao rígido invasor dos índios mares.

Mas ah, Vincénio! Se os haveres, o oiro,
Puxando-nos à terra, origem sua,
O adejo à fantasia, ao génio prendem,
Obstáculo mais duro é a indigência.
Que vezes sentiria esta verdade,
Entre cadeias, inocente e opresso,
Longe da bela esposa e tenros filhos,
O atilado cantor, por quem das trevas,
Das ruínas, do pó surgindo a lira,
Trouxe nas cordas de oiro o som romano!

Exemplo inda maior meus ais arranca:
Se o transcendente espírito, que aceso,
Que, absorto em turbilhões de etérea flama,
Deu tanto a Lísia, e lhe deveu tão pouco;
Se Camões, o imortal, não fosse aquele
Que aos seus em vão carpiu, se achasse o triste
Risos na Sorte, gratidão na Pátria;
Se não curvasse a mente ao férreo peso
De mil tribulações, de mil desastres;
Se infestos, se cruéis, se carrancudos
O mísero, quais viu, não vira os Fados,
Além da Humanidade o voo alçara.
Precedendo e seguindo assombro a assombro,
Em Númen convertido o pensamento,
Feliz, qual fora, se infeliz foi tanto!
Da glória no horizonte os olhos fitos,
Ufano, sobranceiro à desventura,

À baixeza, ao desar com que nas almas
A servil dependência engenhos mirra,
Meneando o pincel, que portentoso
No véu da eternidade imprime os quadros,
Dá carácter, dá luz, dá vida a tudo,
Ligara a perfeição co' a fantasia.
Mais fero Adamastor, mais espantoso
Excedera o trovão na voz medonha;
Os membros giganteus ocupariam
Maior espaço do ar, maior da terra;
Inda mais dilatara a boca enorme,
Retorcera inda mais os negros olhos,
Das procelas horríssonas toldado.

Nas colunas de neve encantos novos,
E no raro sendal tu, Cípria deusa,
Às amorosas sedes esquivaras,
Sem tolher invasões ao pensamento.
Mais patética Inês, Inês mais bela,
Entre os penhores seus, entre os filhinhos,
Ou cópia dela, ou cópia dos amores,
O despiedado Afonso embrandecera.

Sim, Vincénio, a penúria, morte do estro,
Se alguns deixou viver, medrar na fama,
Génios mil, génios mil tem submergido
No pego avaro que as memórias sorve.
É peste, é corrupção fortuna imensa:
Dela provém dureza, orgulho, insânia,
Que aos olhos do mortal mortais avilta,
E outros vícios provêm; mas a ventura
Moderada, tranquila, é dom do Eterno,
Útil ao sábio, necessária a todos.
Não pode a condição luzir sem ela,
Sem ela heróis talvez se antolham monstros;
Sem ela a flor do espírito emurchece,
E roja o pensamento, azado a voos.

Ah! Meus males pintei, pintando aqueles
Que urde a acerba indigência entre os humanos;
Mas novos para ti não são meus males:
Já tens mais duma vez amaciado
Os agros, espinhosos dissabores,
Que dura mão fatal cravou nesta alma;
Já tens mais duma vez salvado Elmano
Do Abismo em que o lançou destino adverso,
E de outro, inda mais feio, inda mais triste
(A moral extinção, o esquecimento),
Em verso, que não morre, o preservaste,
Quando na locução, no tom dos deuses,

De tesouros da voz senhor como eles,
A Castro, insigne em letras, em virtudes,
Mandaste os frutos que orvalhou meu pranto.

És magnânimo ainda, és o que foste,
Eu sou inda o que fui, sou desgraçado;
E, além de ser em ti carácter firme,
É já beneficência em ti costume.
Musa opressa, infeliz, se acolhe a ela:
Quem seus ais enfreou, seus ais enfreie.

XLII

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de São Lourenço, D. João de Noronha

Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.

Virgílio, *Eneida*. Liv. I

Sábio Varão, que na rugosa idade,
No Inverno da existência, quando em tantos
É gelo o coração e é gelo a ideia,
Conservas o verdor do sentimento,
O viço da Razão! Cultor de Palas,
Da Virtude cultor, que a tens no peito
Qual a teve no seio o Capitólio,
Antes que o luxo da Ásia o corrompesse,
E quando da charrua heróis saíam!
Ó tu, que revolveste e que revolves
Venerandos anais de Grécia e Roma,
Onde, instinto a Virtude, instinto a Glória,
Como feitos comuns, olhou portentos!
Tu, que entras o Liceu, que no Areópago
Sócrates vês e Sócrates te sentes;
Dele a filosofia, os dons possuis,
E, outrora perseguido, outrora opresso,
Dele (excepto a cicuta) houveste os males;
Ilustre, generoso, honrado e grande,
Sem carecer de avós, quais mil carecem,
Sendo insignes os teus, quais mil não foram:
Meus versos hoje a ti seu voo alteiam,
Vão hoje versos meus contigo honrar-se,
Aura celeste respirar contigo,
No asilo da Ciência, da Piedade,
No asilo que teus dias abrilhantam,
Que a moral tua purifica e doira.

Longe um mundo apestado, um mundo inferno,
Onde ardem Fúrias e triunfa o crime.
Onde negra Política enroscada
Determina invasões, desenha horrores,
Gosta cenas da morte, ao longe abertas;
Quer sorver sangue humano em taças de oiro,
Quer cinza os campos, as cidades cinza,
Quer, Nume assolador, dar leis ao nada,
E em púrpuras descansa, e dorme, e folga,
Sonhando a execução de empresas brutas.

Graças, Deus benfazejo! Inda na terra

Existem lares que demande a Musa,
Virgem mimosa, cândida, inocente,
Que treme ao raio, que ao trovão desmaia,
Que ao vício cora e que só preza o louro
Quando é c'roa do engenho e não da fúria!

Graças, Deus providente! Inda na Terra
Vive a Sabedoria! Inda teus olhos,
Teus olhos, de que ao Sol emana o lume,
Com paterno sorriso, em lares pios
Se empregam, e detêm e os creras parte
Da tua habitação, dos teus Elísios,
Se pudera iludir-se a vista imensa!

Noronha benfeitor! Pinte a estância
Da Razão, da Virtude, a estância tua.
Que horas douradas, que formosos dias
Nela dos lábios teus pendí, qual pende
De Face encantadora aceso amante,
Lá na quadra viçosa em que o delírio
Das galas da ventura se atavia!
Mas que fruto diverso em ti se colhe!
Colhe-se o fruto da moral sagrada,
Da alta religião, de áurea ciência,
De são princípios, que debalde inverte
Tropel infecto de paixões danosas!

O preceito no exemplo confirmavas,
Noronha, homem comigo, homem com todos,
E, ouvindo-te, um ser novo em mim sentia.

Ah!, não taches, Senhor, ah!, não crimines
De ingrato, de esquecido o triste vate,
Que Foi por teu favor, por teus auspícios
Ao túmulo dos vivos arrancado,
Onde torva Calúnia o ferrolhara,
Estígia sombra, que persegue os génios.
Qual tu és benfeitor, tal eu sou grato:
Em quadro paternal a imagem tua
Sempre me adorna, me esclarece a mente.
Semideus para mim! Na alma te invoco,
Dos infelizes pai! Tua constância
Nas procelas da vida é meu Santelmo,
Constância que luziu na desventura,
Qual o planeta majestoso, augusto
Com flamas de oiro dardejando as sombras.

Se a beber novo brilho, ideias novas
Nas asas da Saudade a ti não voo,
É que férreo dever, grilhão sagrado

No pobre, tosco alvergue me acantoam.
Lucro mesquinho de vigílias duras,
Património dos vates (e não sempre),
Sustém meus dias, que parecem noites,
E esteio aos dias são de Irmã, que terna
Curte comigo tormentosos Fados.

Enquanto o génio cai, cedendo aos males,
Nos áureos coches, que importaram crimes,
Campeiam vãos autómatos pomposos,
Soltos do pó que o berço lhes manchara;
Neles glória, virtude, amor é oiro,
Neles o anel reluz, a alma negreja,
Neles a Natureza, envergonhada,
Ao seio da Fortuna os arremessa,
De carinhosa mãe lhes nega o nome,
E só na morte os haverá por filhos.

Ah! Meu grande projecto era cantar-te,
E a Sorte me desmancha o plano honroso.
Eis te peno, Senhor, eis te enteneço:
Releva-me o costume; usada ao pranto,
Minha Musa infeliz cantando arqueja,
E se em honra de alguém lhe alegre as vozes,
Só aos dignos do canto o canto envio.
Que às lisonjas servis não sei torcer-me,
Provo, esmaltando com teu nome o verso;
Pouco eu não fora, se não fosse muito,
O que digo de ti, de ti procede;
Do nada torreões não ergo às nuvens,
Em século de infâmias, sou romano:
Neguem-no os zoilos meus, se a luz se nega!

Tu, romano inda mais, maior nos Fados,
Nos méritos maior! Sereno acolhe
De terna gratidão votiva ofrenda:
É ténue, mas fiel, vulgar, mas pura;
E altamente cantar-te a quem foi dado?
Cabia teu louvor de Esmirna ao vate:
Só nele há verso que te iguale a fama.

XIV

Ao senhor Joaquim Severino Ferraz de Campos

Ut vidi! Ut perii!! Ut me malus abstulit error!

Virgílio, Écloga VIII

Teus versos li, reli, canoro Alcino
Graças e graças me acordaram neles
Do letargo em que tinha a mente absorta,
Em que sempre sonhei fatais verdades!
Não te assombres, amigo, assim se exprime
Pela voz da consciência o Desengano.
Os sonhos do infeliz não são quimeras,
Negros filhos do Mal, ao pai semelham,
Colhem da alma o terror, as sombras colhem,
De nós mesmos, em nós (digo, nos tristes,
Nos míseros como eu) surgem, ressurgem.
Já, quais manchados tigres famulentos,
Ferram nos corações o dente, as garras;
Já de pesada e lóbrega procela
Vestem medonha cor, que as Fúrias traíam;
De mar subitamente acapelado
Com rígido tufão revolvem serras;
Arde, retumba o céu, roto de raios,
Da Esperança o baixel em vão mareia
Terrível repelão lhe rasga o pano,
Repentino escarcéu lhe rouba o leme;
Arfando aos astros vai, vai aos abismos,
Nas ondas em montões negreja a morte:
O piloto Razão, sem luz, sem rumo,
Solta inútil clamor, enfim desmaia,
E o lenho, entregue a si, dá nos rochedos
Do enorme, do voraz, do horrível pego.

Que é isto, Alcino meu, senão a imagem
De agros martírios co'a existência envoltos,
Presos (parte integrante) aos desgraçados!
Males, ou vele ou durma, encontra na alma;
Os olhos corporais e os olhos dela
De tormento, de horror vêm mil objectos,
Objectos sempre iguais, os mesmos sempre,
Ou se a substância e forma alguns variam,
Tomam forma pior, pior substância.

Tu, vã Filosofia, embora aviltes
Os crenes nas visões do pensamento,
Turvo clarão de raciocínios tristes

Por entre sombras nos conduz, e a mente,
Rastejando a verdade, a desencanta;
Nem doloroso espírito se ilude,
Se o que, dormindo, creu, crê, despertando.
Até no afortunado a vida é sonho
(Sonho, que lá no fim se verifica),
E ansioso pesadelo em mim, que a choro,
Em mim, que provo o fel da desventura,
Desde que levantei, que abri, carpindo,
Os olhos infantis à luz primeira;
Em mim, que fui, que sou de Amor o escravo,
E a vítima serei, e o desengano
Da suprema paixão, por ti cantada
Em versos imortais, como o princípio
Etéreo, criador, de que emanaram.

Neles, ó vate, ressumando o néctar,
Por mão das Musas para ti filtrado,
Na alma se me entornou, fez-me serena
No opresso coração do pranto a fonte.
Eis, ganhando o sabor ao metro ameno,
Sobem lágrimas doces dentre amargas.
Natureza, Razão, Filosofia,
Amor, o infesto Amor, o algoz de Elmano,
Tesouros do Prazer se me antolharam
Nos quadros que esparziu pincel divino.

Milagres da harmonia! Eu vos adoro,
Milagres da harmonia, ah!, vós pudestes
Mais em minha alma que exp'riência e fados;
Trouxestes-me outro ser, outras ideias,
Até outro universo, outros destinos
Em áureas ilusões à fantasia!
Sim, pareceu-me em vós a Natureza
Bela como saiu das mãos de Jove.

Cuidei que amor suave, amor piedoso
Recompensava um ai com mil favores
(Se um ai no coração princípio tinha);
Cuidei que em laço de oiro, em laço eterno
Os entes à ventura amor ligava;
Cuidei que era de um deus penhor e prova.

Não de Uliana desdêns, Sorrisos dela
Na face angelical supus que via;
Supus que em seu gentil, seu níveo colo,
Nos olhos divinais o ardor cevando,
Cevando o coração na rósea boca,
Em mistérios de amor despindo a essência,
Me era dado elevar-me ao grau de nume,

As delícias do Céu gozar na Terra.
Então vociferei, como encantado:
Existir sem amar! Que horror! Que Inferno!
Não: viva-se de amor, de amor se morra.

Mas dentro em pavorosa, antiga selva,
De teixos, de ciprestes assombrada,
Que das nuvens os véus, que os véus da noite,
Rebombando o trovão, rugindo o vento,
Tornaram mais escura e mais horrenda,
Se aflito, solitário viandante,
Para aqui, para ali vagando incerto,
Dentre aquele pavor sombrio, imenso,
Vê romper um clarão, que nasce e morre,
A momentânea luz que lhe aproveita?
Co'a feia solidão recai nas trevas,
E as trevas o relâmpago reforça.

Sonoroso cantor, prezado amigo,
Eu sou do caminhante a cópia triste;
Teus versos, o fulgor que alguns momentos
Aclarou na minha alma antigas sombras.
Ela no mal, na dor caiu de novo,
E a imagem da alegria à minha ideia
O abismo da aflição tornou mais denso.

Dum lado as Graças, doutro lado as Fúrias;
Atractivos daqui, dali tormentos,
Surge Ulina outra vez, qual é, qual era,
Dura e querida, divindade e monstro.
Para mim, para mim tropel de horrores
(De horrores, cujo apuro és tu, Ciúme)
Lhe abre o caminho, lhe dirige o passo:
A férrea Ingratidão precede a todos,
E contra o peito ebúrneo lhe respira
Atros vapores, que engoliu no Averno.

Celestes perfeições, morreis com eles;
Rosas de Amor, a Ingratidão vos murcha;
Com ela não brilhais, lumes formosos,
Magos sorrisos, não brilhais com ela,
Sois mancha, não sois glória à Natureza,
Sois do mundo o veneno, a peste, a morte...
Alcino, eu desespero; Alcino, eu morro.
Tu, que aos delírios meus a origem sabes
Que os meus extremos viste e o prémio deles,
E que fruto colhi, que fruto acerbo,
Vê se Amor, se a Razão merecem culto,
Vê quais são: Ela fraca! Ele tirano!
A que tanto esplendor toma em teus versos

De emanção de Jove arroga o nome,
E aos pés de ímpio senhor cai, vil escrava!
Ah! Se negra paixão, que enluta os dias
Ao vate carpídor, ao cego amante,
No peito do infeliz se aniquilara!
Se revivesse enfim o ardor sagrado,
Onde funesto ardor só de ânsias vive,
Como teu estro sobe, o meu subira
Nas asas da harmonia ufana e leda,
Afoito demandando eternidade.

De ti, cisne de Amor, cisne do Tejo,
Que imaginários bens no canto adornas,
Por mais e mais que estude os sons mimosos,
Ave das sombras, costumada ao pranto,
Gorjeio encantador colher não pode.

Amor sabes cantar, eu sei chorá-lo;
Inata propensão domina os entes.
A Natureza em mim e em ti murmura:
«Elmano chore Amor, Alcino o cante.»
Da Sorte, caro amigo, a lei sigamos;
Nosso temperamento é nosso Fado,
Fado contudo, ó Jove, a ti sujeito!

XV

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Aires de Saldanha e Albuquerque, Conde da Ega, etc., etc.

Se a luz, claro Saldanha, a luz sagrada,
Que aos vates escandece o peito, a mente,
Em grau credor de ti me afogueasse;
Ou como a grande, a majestosa Alcipe,
Com pejo de existir cá onde há morte,
Ousara demandar no afoito adejo
Plagas imensas, onde tudo é vida;
Se dando à Natureza um novo cisne,
Qual o Ausónio cantor, maior que a Fama,
Ante Febo, entre as Musas, entre Arcanos
Provasse que, rompendo as leis da Sorte,
Estro os entes mortais gradua em Numes:
Coisas ao vulgo estranhas me escutaras,
Versos, antes milagres de harmonia!
Na alma, no coração, na voz de Elmano
Fados, visões, oráculos fervendo,
Qual se abriera a teus olhos áurea cena
No espaço do porvir, delícias toda!
Tal que Jove no Olimpo a goza apenas!
Viras em quadro de atiladas cores
Além do ameno, genial teu dia,
Amor à frente dos louçãos Prazeres,
Entre o sussurro dos sorrisos brandos,
Nas aras de Himeneu co'as lindas Graças
Crestar sabeu perfume ao som dos hinos,
Destarte remontando o doce metro:
Um sorriso de amor séculos vale,
Mil momentos de amor a eternidade.

Viras de dia em dia os cofres de oiro,
No seio animador de quanto existe,
Volvendo, revolvendo a Natureza,
A ver se no fervor, se nos transportes
Com que de etéreos dons, com que de encantos
(Ignotos aos mortais) ataviara
Da alva Julina o divinal composto,
Houve encanto, houve dom, que lhe escapasse;
Porque às vezes do ardor provém descuidos,
Viras com que altivez, depois do exame,
A mãe universal, desenganada
De haver subido ao cume a glória sua
Nas altas perfeições da semideusa,
Ufanos olhos em teu gesto atentos,
Fitos nos olhos teus de amor fulgentes,

Te dizia, apontando à bela esposa:
«Desse tesouro meu só tu és digno.»

Ah! Que atracção, Senhor, se o pensamento
De lúgubres fantasmas carregado,
Dos males sacudindo o luto, o peso,
Fora capaz em mim de alçar-se a tanto!

Ó nova irmã de Febo! Alcipe, Alcipe!
Musa do Tejo! Altíssima cantora!
Contra o gelo tenaz, que sobre esta alma
A amenidade, o viço ao génio mirra,
Tu manda, tu despede um raio, um raio
Do imenso, eterno Sol, que em ti reflecte!
Dá-me eflúvios subtis da acesa ideia
(Confidentes dos numes, prova sua),
Ideia, onde em tropel mistérios andam,
Portentos com portentos se encadeiam;
Nos céus, na terra como entorna os dias,
E sempre o mesmo, e novo, o grão planeta.
Opulento de si surge e ressurgue,
Tal podes atear-me a sacra flama,
E, deusa, quase um deus tornar Elmano.
Invocados por mim teus dons, teu nome,
Depondo a sanha, as rugas aplanando
O terrível sobrolho de meus Fados,
Fértil de assombros, me erguerei na Fama,
E, se é possível, cantarei contigo
Julina, teu penhor, delícias tuas,
E o grande coração, de Amor válido,
Não só da Humanidade ornato, apuro,
Fonte não só de perenais virtudes,
Mas digno até da lira, até do canto
Com que domas o tempo, a Morte, o Letes.

XVI

A D. João, Príncipe Regente

*Serus in caelum redeas, diuque
Laetus intersis populo...*

Horácio, Liv. I, ode II

Grão Príncipe, à Virtude, à Glória dado,
Dado a ti mesmo, Príncipe ditoso,
Cujas leis para nós são leis do Fado:
Hoje, que teu Natal, dos Céus mimoso,
Riso de um Deus, da Natureza amores,
Doirou à rósea Aurora o véu formoso;
Neste dia, em que os zéfiros e as flores
Respiram divinais, subtis perfumes,
Vestem mais lindas, mais cerúleas cores;
Neste dia, em que o Sol requinta os lumes,
E a Terra mil delícias alardeia,
Puras, suaves como tu e os numes;
Em meu nome, Senhor, e em voz alheia
Enquanto despe o globo antigos lutos,
A ti cândida Musa o voo alteia.
A ti de gratidão sobem tributos
Cá donde se desparze, à sombra tua,
O pátrio génio em literários frutos.
Já debaixo do arnês o herói não sua,
Não teme o cidadão nos tristes lares,
Já do manto da morte é Lísia nua.
Voou teu grato incenso além dos ares,
Em favor do Universo ergueste a Jove
Alma sublime, que merece altares.
Súbito à casta ofrenda o deus se move,
E a taça dum metal, que abate o oiro,
Sobre azedas nações o néctar chove.
Varre a benigna Paz difuso agoiro,
Ciência, indústria, leis desassombradas,
Revolvem, qual outrora, o seu tesoiro.
Em ócio pendem marciais espadas,
E ornem seu ócio altíssonas Camenas,
Da glória amantes e da glória amadas.
Teu nome é doce peso às ágeis penas
Com que, fitando o Céu, por ele abalam
As moles virações, azuis e amenas.
Príncipe, cujos dons nos avassalam,
Mais que um poder celeste, imenso, herdado,
Dons de bem poucos, que o poder te igualam.
Neste, por teus auspícios decorado,

Venerável por ti, por ti brilhante,
De alta invenção depósito sagrado,
Onde é digno órgão teu varão prestante,
Que ao público baixel em parte o leme
Volve igual, proveitoso e vigilante;
Onde do tempo e morte as leis não teme
Espírito febeu, canoro, ingente,
Que voa e canta como o cisne geme;
Onde ilustrado círculo altamente
Pensa e revolve o que às ciências preste,
E o que à lustrosa Pátria o brilho aumente;
Aqui de estranho adorno se reveste
Frase que elevo ao sólio, que glorias,
Príncipe amável, dádiva celeste:
Acolhe afectos, que nas almas crias,
Honra-me a condição, meu fado emenda,
E olhos serenos, como o são teus dias,
Firma na Ingénua, respeitosa ofrenda.

XVII

A António Bersane Leite

Os Amores há muito, há muito as Graças,
E a deusa deles mãe, mãe de teus versos,
Instam que à Pátria os dês, que os dês à Fama.
Tarde cedeu Tiónio à voz divina.
Tarde, que vezes cento a páfia turba
(Nas horas brandas, em que aos ais me acode)
Carpindo-se de ti, me disse, ó vate:
«O ingrato que inspiramos foge à glória,
Ao público louvor se esquiva e furta.
Grinaldas de amaranto, e mirto, e rosas,
Dos maternos jardins por nós colhidas,
Sofre que as murche, que as definhe o Tempo,
Na frente, onde borbulham, fervem, brincam
Gentis ideias, e expressões mimosas.
Aos numes do prazer, de Cípria aos filhos,
Que para eternizá-lo os sons lhe deram,
Remisso e desleixado assim responde!
Os deuses, nos mortais que mais amimam,
Às vezes corações de ferro encontram!
Cantor de Teios, os teus versos vivem,
Vivam com eles de Tiónio os versos;
E o Númen falador, que gira o globo,
Nele esparzindo-os, amacie as vozes,
Colha brandura do amorável canto.»

Assim, queixosos da tenaz modéstia
Com que teu nome a teu louvor negavas,
A rósea, tenra face os deuses nossos
De aljôfar mavioso humedeciam.

Enfim, cedeu Tiónio à voz divina:
Já vê com glória o literário mundo
Que brilha um génio mais no céu das artes.
Versos formosos, adejai sem susto,
Meigos Amores, escoltai-lhe o voo.
Embora ladre o Zoilo, embora os morda
Dente canino de Aristarco inerte.
Os fins se frustrem da escumante Inveja,
Que no seu nada quer sumir o engenho,
Roer-lhe, apodrentar-lhe a flor e o fruto.

Prole dos numes, quase nume o vate
Vive no tempo, na memória vive,
E vai do tempo e da memória aos astros
Converter-se em porção da eternidade.

Ó século ferrenho, a teu mau grado
Há quem preze a razão, quem preze as artes,
Há mão que avive e galardoe o génio!

Folguem de Febo espíritos mimosos,
Folga, Tíónio, seu querido aluno!
Dentre as furnas da Inveja, ou tarde ou cedo,
Surge a Glória em triunfo, e nunca morre.

XVIII

Ao ilustríssimo Senhor José Caldeira de Ordaz e Queirós, Barão de Castelo-Novo

Ao que luziu ria Fama, honrando a Pátria
Co'as artes marciais que a Pátria munem,
E os dons com que Minerva ilustra o globo;
Àquele que depondo o térreo nada,
É centelha da luz que forma os astros;
Àquele, em cujo espírito apurado
Reflecte um sol imenso, um dia eterno;
Ao sublime D'Ordaz, ao génio grande
De que és herdeiro em título, em virtudes,
Esta não baixa of'renda eu destinava,
Grato aos sorrisos, às carícias grato,
Com que em mais doce, mais serena idade
Cingiu nos braços a inocência minha.

Os Fados (ah!) vibrando a férrea dextra,
Os Fados avarentos o arrancaram
Dentre os mortais, que honrava e que instruía,
Mas D'Ordaz vive em ti; D'Ordaz e a glória
Nos seus (sendo qual és) heróis não morrem;
E o que na voz comum de ti ressoa
Exige do filósofo e do vate
Feudo que honra o que dá e o que recebe.
A ti e aos manes do guerreiro ilustre,
Vai, pois, minha oblação, composta de hinos
Não indignos de ti; que as Musas viram
Sorrir-se para alguns a Eternidade:
Teu sólido favor lhe alteie o preço,
E todos ficarão credores dela.

XIX

Ao Ilustríssimo Senhor Desembargador Vicente José Ferreira Cardoso da Costa

Aceito a Amor outrora, outrora aceito
Às que os entes mortais imortalizam
(Digo, às filhas de Jove, irmãs de Febo),
Elimano hoje indifere a Amor e às Musas,
Triste no coração, nos olhos triste,
Evaporado em ais, desfeito em pranto,
Ludíbrio da Fortuna, a ti recorre.
Bens que a mesquinhas mãos confere às cegas,
Que a torpes Cresos o carácter douram,
Pela deusa falaz me são negados;
Fogem lucrosos fins a honrados meios:
Eu sou puro, ó Vincénio, honrado e livre;
Eu jus não tenho em século de infâmias
A dádivas que a Sorte aos vis outorga.
Eu só canto à virtude, a ti e a poucos:
Tu amas a razão, tu crês na glória;
És filósofo, és vate: em Roma, em Grécia,
Volvendo altos anais com mão nocturna,
Bebeste exemplos de virtude excelsa,
Que teus nativos dons fortaleceram.
Muito há que o Tejo te cobiça ao Douro:
Se quais teu génio teus destinos fossem,
Nas margens do Ulisseu, cerúleo rio,
Aos mil, aos bandos nadariam cisnes,
Trinando sem morrer canções mimosas.

Eu, não cisne, talvez, mas eu, não corvo,
Com voz não desabrida e não rouquenha,
Ao filósofo, ao vate usado abrigo,
Benéfica piedade ansioso imploro.
Mando ao teu coração meus ais, meu rogo;
Ouve-os, atende-os, e outra vez minora
Origem triste, que os extrai do peito.
Tu ao náufrago Elmano és porto amigo;
Vou colher no teu seio errantes velas,
Antes que alto escarcéu me sorva o lenho.

Ao Senhor Gregório Freire Carneiro

A Freire benfeitor, ao caro Amigo,
 Àquele que mil vezes tem salvado
 Do pego da indigência o triste vate,
 Versos do coração Bocage envia.
 Versos do coração não se guarnecem
 Do falso adorno de atiladas vozes;
 Filhos da Natureza, a mãe semelham;
 Correm serenos, aprazíveis, puros,
 Por leito igual, por límpidas areias;
 Derivam-se de amor, e amor procuram.
 Quais os affectos meus, tais são meus versos;
 A nívea candidez os purifica,
 O lustre da amizade os abrilhanta.
 Assim de quando em quando os não turvasse
 Denegrido vapor, que as almas tolda,
 Hálito infesto, que dos lábios feios
 Sobre meus dias a tristeza espalha!
 Ele inda há pouco me turvou na mente
 Mimos das Graças, mimos dos Amores.
 Marília, glória tua e glória deles,
 E como a deles mãe, primor e extremo
 De encantos, de atractivos, outra Vénus,
 Deusa nos olhos, nos sorrisos deusa,
 Marília, doce ardor de teus sentidos,
 Seu dia genial, seu áureo dia,
 Viu há pouco outra vez luzir no Pólo,
 E eu, a cantá-lo afeito, eu, que me honrava,
 Unindo o claro objecto aos sons da lira,
 Eu tremi, desmaiei, caí na empresa,
 Que audaz tentara, que feliz cumprira.

Prestante amigo! À minha dor perdoa;
 Já, de usado a gemer, cantar não posso,
 Sei versos de tristeza urdir somente;
 Só versos quais escrevo, e quais te envio,
 Não, como os prometi, serenos, puros.
 No começo, a Desgraça o turvo alento
 Sobre eles esparziu e os fez tão tristes.
 Pela voz da Indigência eles te imploram;
 Tu, que sempre magnânimo os ouviste,
 Dá-lhe a resposta que lhes sempre hás dado,
 O socorro eficaz com que aligeire
 Dos agros dias meus o férreo peso.

XX

Ao Senhor Francisco de Mendonça Arrais e Melo

Caro, amável Mendonça, o teu Bocage,
O terno amigo teu, que em áureos dias
Momentos festivos gozou contigo;
O vate que em teus lares, que a teus olhos,
E à face do imortal, canoro Ismeno,
Foi cisne junto a cisne, e deu tais voos,
Que as asas do improvisado o céu roçaram:
Por milagre, talvez, de Armânia bela,
De Armânia tua, cujos dons são numes,
Numes que inspiram mais denodo à mente,
Mais vida ao coração, que as Deusas nove,
Elas doce quimeras eles verdade;
Elmano, o triste Elmano hoje deplora
Esse tempo em que riu: memória acerba
È para o mal presente o bem passado;
Horas, de que o prazer foi lindo esmalte,
Trajando negra cor me pousam na alma:
O misto da existência é riso e pranto;
Se delícias gostei, martírios provo.
Ferem-me os cem punhais do reumatismo
(Prole fatal da natureza infecta)
E em cada sensação, que vale a morte,
Mingua e se evapora o sofrimento.

Desvalido, infeliz a ti recorro,
A ti, que vezes mil às mil tormentas,
Aos mil naufrágios meus tens sido o porto.
No pego do infortúnio em que vagueio,
De novo em torno a mim procela horrenda
Das asas infernais sacode a noite,
E arte, força, baixei aos Euros cedem.

Com pródigo favor, com mão piedosa
Imita os numes, auxilia Elmano.

XXII

Ao Reverendíssimo Padre-Mestre o Senhor Frei José Mariano da Conceição Veloso

Qual dentre as rotas, náufragas cavernas
Do lenho que se abriu, desfez nas rochas,
Colhe afanoso, deplorável nauta
Relíquias ténues, com que a vida esteie,
Em erma, ignota praia, a que aboiamam,
E onde a custo o remiu propícia antena:
Tal eu, que da existência o pego, o abismo
(De que assomam, rebentam, surgem, fervem
Rochedos, escarcéus, tufões e raios),
Tal eu, que da existência o mar sanhudo
Vi romper meu baixel, e arremessar-me
A inóspitos montões de estranha areia,
Triste recolho os míseros sobejos
Com que esvaído alento instaure, esforce,
E avive os dias, que amorteço em mágoas.

Em ti, constante, desvelado amigo,
Demando contra a Sorte asilo e sombra.
Oh, das Musas fautor, de Flora aluno!
Rasgado o véu da alegoria, estende
Ao metro que desvale a mão que presta.
Se asas lhe deres, em suave adejo
De Lísia ao seio, que a virtude amima,
Dela cultores, voarão meus versos,
E o pátrio, doce amor ser-lhe-á piedoso.

XXIII

Ao Senhor Ant3nio Jos3 Alvares

(Em resposta de outra)

Foi lida, foi relida, e grata e doce
De Elmano ao cora73o, j3 murcho em m3goas,
Ep3stola gentil, com que revestes
A Raz3o de harmonia; 3 oiro o estilo,
Sentimento a moral, ternura o metro,
Amor uma virtude, um c3u beleza.

C3ndido cisne de recentes plumas,
Al7as ditoso adejo em ares novos,
Donde sem conto os 3caros baqueiam.
De Febo nos jardins 3s tenro arbusto,
Que j3 com frutos lisonjeia o gosto.
Natureza 3 terreno, arte 3 cultura;
Esta lavre, amacie, adube aquela;
Medre engenho novel co'as leis de Hor3cio,
Tesoiros da raz3o. L3, pensa. escreve,
E cedo, em torno a ti, latindo, os Zoilos,
Tentar3o denegrir-te, h3o-de ilustrar-te.
Agro, dif3cil, 3ngreme, espinhoso
O espa7o que nos sobe ao grau de vates,
Pouco a pouco, em li73es que o g3nio guiam,
Se vai deseme7ando e vai polindo,
At3 que l3 no cimo 3 flores todo.

Tu de raz3o, de sentimento abundas,
Estro possuis, experi3ncia gozas;
Arte n3o tens: o que n3o tens granjeia.

Tais no73es extraiu da mente a custo
Elmano, o preso ao leito, ou preso 3 morte.

XXIV

À Ilustríssima e Excelentíssima Senhora D. Mariana Joaquina Pereira Coutinho

Piedosa, excelsa heroína,
Tu, que em transcendente altura,
Com alma quase divina
De uns evitaste a ruína,
De outros criaste a ventura;

Tu, que em formosa união
Com refulgente nobreza
(Acidental condição)
Ligas mais alta grandeza.
Grandeza do coração;

Tu, que à mãe do luso estado,
Chorada, augusta Rainha,
Mereceste honroso agrado,
Colhe os ais, que te encaminha
Triste vítima do Fado.

Teus brandos, fáceis ouvidos,
Ouvidos há tanto afeitos,
Senhora, a atender gemidos
De roucos, ansiados peitos,
Pela Desgraça oprimidos;

Teu favor, tua piedade,
Com que viva ao Céu te elevas,
Abriguem minha ansiedade,
Versos nascidos nas trevas,
Entre a dor e a adversidade:

Pesado grilhão me oprime,
Duro cárcere me fecha,
Tecem-me dum erro um crime,
E a vil calúnia não deixa
Que a compaixão se lastime.

Sombra, qual o Averno, escura,
Impios zoilos derramaram
Em vida de crimes pura:
As cadeias me forjaram,
Forjaram-me a desventura.

Eis doloso, eis negro véu
Meu são carácter encerra;
Monstros me pregoam réu,

Tornam-me odioso à Terra,
Fingem-me rebelde ao Céu:

Desesperada agonia
Agrava mais minha sorte,
E a meus olhos noite e dia
Gira o fantasma da morte
Co'a turva melancolia.

Desparziu preces em vão
Angústia, que em mim se exalta;
Mas no centro da aflição
Conheço que inda me falta
Invocar teu coração.

Esse adorável tesouro,
Tesouro da Natureza,
Furtado ao século de oiro,
Pode expelir-me a tristeza,
E mal pior – o desdoiro.

Não te imploro, alta matrona,
Como aquele a quem o enxame
De vícios mil desabona
E em si cai depois que infame
Sobre o delito ressona.

Eu, desvalido mortal,
Ludíbrio de sorte injusta,
Amei sempre, avesso ao mal,
As leis da virtude augusta,
As leis da recta moral.

Se casuais erros fiz
(Sécios da idade imprudente)
Meu desvario infeliz
No coração inocente
Não teve infesta raiz.

Da vaidade activo ardor,
Que o peito inexperto inflama,
Das Musas suave amor,
Sede implacável de fama
Me sumiram neste honor.

Em versos não baixo ou rude
A teu ânimo propício
Já sagnar louvores pude;
Se grato me fora o vício,
Eu não cantara a virtude.

Meu crime é ser desgraçado,
Ou talvez não ser indigno
De atrair da Fama o brado:
Um bando inerte e maligno
De inveja me fere armado.

Risonhas, ternas Camenas
Sobre mim lançavam flores
Viçosas, brandas, amenas,
E com benignos favores
Afangavam minhas penas.

Dom divino, almo e lustroso
(Que a raros o Céu dispensa)
Azedou tropel danoso:
O mérito é grave ofensa
Ao coração do invejoso.

Alma gentil, não presumes
Que exagera altivo abalo
Torpes, sórdidos ciúmes:
Se de mim com glória falo,
Honro a dádiva dos Numes.

Mas à triste, à maviosa
Frase da consternação
Já volve a voz lamentosa:
Mais cobiço a compaixão,
Que um nome que mal se goza.

Não te interesse o valor
(Se algum tem) do vate aflito;
Comova-te o dissabor,
A desgraça, o pranto, o grito,
Que demandam teu favor.

Exerce eficaz valia
Que me serene a Fortuna.
Irosa Fortuna impia:
Para guarida oportuna
Meus ais, minhas ânsias guia.

Pelo mísero intercede,
Que a ti recorre em seus males,
Que pronto auxílio te pede:
O que podes, o que vales
Por minhas angústias mede.

Dá-me a luz que respirei

No seio da Humanidade;
Roga que se abrande a lei,
A que a doce liberdade
Submisso e mudo curvei.

Que, ainda que a rota lira
No chão desprezível jaz,
E a Musa, que já delira,
Sem harmonia, sem paz,
Em vez de cantar, suspira.

No meu estro aniquilado
Revivendo a morta chama,
Te daria eterno brado,
Se há muito o grito da Faina
Não te houvera eternizado.

XXV

A MÁRCIA

(Imitação de uns versos de Mr. Parny)

Tu, de meus amorosos pensamentos
Secretária fiel, tu, que mil vezes
Afagas, adormeces os desgostos
De que semeia Amor meus tristes dias;
Oh lira, em que estes dedos preguiçosos
Geram sem arte a lânguida harmonia,
Efeito da ternura, e da saudade!
Hoje teus sons patéticos se apurem
Da amizade leal no casto seio.

Cândida amiga do extremoso Elmano,
Minha Márcia gentil, se eu a teu lado
Te entretenho os ouvidos, e te influo
Por eles no formoso, ebúrneo peito
O encanto da suave melodia,
A maga sensação das almas belas;
Se te aprazem meus versos inocentes,
Se teus olhos brilhantes como os astros
Volves benignamente ao grato amigo,
Que externas perfeições, da que és tão rica,
Que o virgíneo candor te não profana

Com torpes, sequiosos pensamentos;
E nos dons da tua alma embelezado
Gomo se ama no Céu, no mundo te ama;
Se a teus mimosos lábios, quando as Musas
Nas tenras aflições vêm consolá-lo.
Sorriso aprovador merece Elmano;
Se no mole regaço deleitoso
Acolhes do teu vale a doce lira
Quando os sons lhe falseia a mão dormente;
Que tenho com Os mais, que têm comigo?
Que me importam, querida, a vez da Fama,
As críticas do sábio, as invectivas
Dos Zoilos vis, dos Bávios de Ulisseia,
Gralhas, que entre pavões se não confundem,
Inda que astutas, iludindo os néscios,
Vestem pomposas, fulgurantes plumas?
Ou que me importa o público juízo?
Amante, e não autor, desdenho, é Márcia,
Uma inquieta glória, um árduo nome,
Nada sou: minha Musa às vezes leda,
Leda ou antes cansada de carpir-se,

Cuida somente em adoçar meus males,
Os séculos por vir, e o seu não teme.
Pungidos de fantástica vaidade
Outros lidem, padeçam. velem, suem,
Matem-se por viver além da morte;
Que eu não quero comprar como eles compram
Imaginários bens por males certos.

Fagueira, linda Márcia, quando o Fado
Vier coa negra mão tocar meu rosto,
Sumir-se para sempre à luz do dia;
Quando teus braços melindrosos derem
Suave encosto à lânguida cabeça
Do descorado moribundo amigo.
E os frouxos olhos seus, metade abertos,
Turvo clarão vital forem perdendo;
Quando enfim minhas mãos em vão tentarem
Secar teus prantos, serenar teus olhos,
Fitos no leito da benigna morte,
E à boca o solto espírito acudindo
Colher nessa, que adoro, o derradeiro
Osculo teu dulcíssimo, e piedoso;
Não, não permitas que funérea pompa
Me alumie a serena escuridade,
Nem que por mãos venais alvoroçado
O bronze atroador publique a todos
Que mais um dos mortais volveu à terra.
No meu asilo incógnito, e seguro.
Vivendo para os outros indiferente
Sobre as minhas acções um véu lhe corro:
Qual fui na vida quero ser na morte,
Contanto que a fiel, a afável Márcia
Dê honra às cinzas do amoroso Elmano,
Com suspiros, com lágrimas, e habitem
Memórias minhas na memória dela.

Tu, dos cuidados meus primeiro objecto,
Anália desleal, encantadora,
Que do vário Martínio te cegaste,
Ouvindo que morri, talvez que folgues!
Depois que a Morte amiga houver talhado
De meus dias fatais a débil teia;
Depois que mudo, e fúnebre jazigo
Meus males encerrar, e os meus extremos,
Ide, Amores gentis, onde verdeja
A amena, salutífera Colares,
De mil benignos zéfiros lavada,
E ante a falsa, que adoro, ali pousando,
Dizei-lhe: – «Exulta, ingrata! Elmano é morto;
Mas o Céu tem poder, justiça, e raios,

O Céu castigará teu vil perjúrio,
O Céu...» Não, sumo Jove, eu lhe perdoo,
Eu perdoo ao meu bem; não, não me vingues!
Antes aos puros luminosos dias
De que ela goza em paz, antes, oh nume,
Une os dias de gosto, e de ventura,
Que eu desfrutara, se a cruel não fosse!

CARTA A URÂNIA

Queres, formosa Urânia, que ostentando
Nos meus discursos de Lucrécio novo,
Com temerárias razões ante os teus olhos
Toque a Religião, lhe arranque a venda?
Queres que exponha em quadro perigoso
Sacras mentiras de que abunda a terra?
Que munido de audaz Filosofia
Te ensine a desprezar o horror da morte
E os sonhados fantasmas da outra vida?
Não presumas já mais, que embriagado
Da ilusão dos sentidos, e profano
Blasfemador da fé que me ensinaram,
Com libertina voz, e por despeito
De meus erros, idólatra eu aspire
A destruir a Lei que nos condena.
Fazendo escrupuloso e denso exame
Do mais denso e terrível dos Mistérios,
Vou demandar em passo respeitoso
Ao centro do sacrário do Deus-Homem,
Que morto no patíbulo recebe
Incenso, adoração da ilustre Europa.
Hórrida sombra de perpétua noite
Sim faz com que pareça inacessível
A meus olhos afoitos o adorado,
O tremendo lugar; mas tu, sisuda,
Tu próvida razão que lá me guias
Coa tocha rutilante mo precedes,
Minha mente confusa esclarecendo.
Os Ministros do Templo, que procuro
De austeras cataduras me apresentam
Primeiramente um Deus tão rigoroso.
Um Deus tal, que devera aborrecê-Lo;
Um Deus que nos criou para a desgraça,
Que rios deu coração propenso ao crime,
Só para ter o jus de castigar-nos:
Que nos fez semelhantes a Si próprio,
Para mais cabalmente envilecer-nos,
E para sermos vítimas infaustas
De tormentos sem fim por ordem Sua.
Mal que o homem formou à Sua imagem
Eis Deus arrependido e desgostoso,
Como se de antemão perito obreiro
Não devesse notar, e ver na ideia
Quaisquer imperfeições do Seu composto,
E sábio preveni-las e emendá-las!

Depois com fúria atroz, assoladora
O Númen vingativo estraga, arranca
Do aterrado Universo os alicerces.
Rompendo o bojo as nuvens carregadas
Desfecha de uma vez geral dilúvio
Sobre os ímpios, sacrílegos humanos,
Que o mundo com seus crimes enxovalham;
Mas quererá talvez criar debaixo
De um céu risonho e puro entes amáveis,
Corações virtuosos, dignas provas
Da Sua alta, imortal sabedoria:
Não; lá vaga na Terra um novo enxame
De rebeldes, de iníquos, de perversos,
Escravos das paixões, soltos nos vícios,
Raça ainda pior do que a primeira.
Que fúrias, que flagelos, que vinganças,
Que raios vibrará contra estes monstros
A pavorosa mão do Omnipotente?
Sepultará no caos os elementos?
Oh, ternura! Oh, mistério! Oh, maravilha!
Afoga os pais, e pelos filhos morre!
Há um povo inconstante, ignóbil, néscio,
Das vãs superstições cultor insano,
Por vizinhas nações forçado ao jugo,
De vergonhosos ferros oprimido,
E ludíbrio infeliz dos outros povos.
Lis que o Filho de Deus, eis que Deus mesmo
Se faz concidadão deste vil povo,
De uma hebreia encarnando nas entranhas,
Subordinado à Mãe, sofre a Seus olhos
Os danos, os incômodos da infância:
Por longo tempo obreiro desprezível
Co cepilho na mão, seus belos dias
Perde em baixo exercício enfim três anos
Prega à gente idumeia, até que morro,
Em afrontoso e bárbaro suplício.
Ao menos o Seu sangue, o puro sangue
De um Deus que Se ofereceu por nós à morte
Não merecia assaz, não tinha um preço
Raro, sumo e capaz de reparar-nos
Dos golpes que os infernos invejosos
Dirigem contra nós!... Quê! Deus por todos,
Por todos quis morrer, veio a remir-nos
E é, Sua morto, oh, céus! infrutuosa?
Quê! Louva-se, engrandece-se a bondade.
A demência de um Deus tão vão, tão fútil?
Quando subindo ao Céu de novo acende
A cólera apagada o nos submerge
Outra voz nesses lúgubres abismos
De eterna duração, de eternos males!

Quando pelo rigor com que nos trata
Perdem todo o valor Seus benefícios!
Quando havendo por nós vertido sangue,
Expiado com eles nossos crimes
Castiga em nós os de que Réus não sumos!
Cego no Seu furor inexorável
Sobre os últimos netos pune e vinga
O delírio fatal do pai primeiro!
Julga por este crime os infinitos,
Os miseráveis Povos que Ele mesmo
Colocou entre as sombras da mentira!
Ele vindo dos Céus, segundo a crença
Para o mundo salvar e iluminá-lo!
América infeliz, sertões imensos,
Gente às portas do Sol por Deus criada,
Hiperbóreas nações a quem o engano
Em sono profundíssimo conserva,
Condenadas sereis por ignorardes,
Que lá noutro hemisfério, e noutro tempo,
Sobre um dos montes de Idumeia o Filho
De um pobre carpinteiro em cruz foi morto.
Não reconheço nesta indigna imagem
O Deus, a quem meus cultos são devidos:
E se tal, qual m’O fingem, O adorasse
Teria para mim que O desonrava.
Ouve do alto dos Céus, é Deus que imploro,
Ouve uma vos sincera o lastimosa:
Minha incredulidade ah, não Te ofenda;
Tu vês meu coração; pintam-Te os homens
Um tirano; eu Te chamo o Pai de todos;
Não sou, não sou cristão porque Te adoro
Mais dignamente. Oh, céus, que objecto é este,
Que assombra os olhos meus! Eu vejo, eu vejo
O Cristo glorioso: eis a par d’Ele
A portentosa cruz sobre uma nuvem,
Tu jazes a Seus pés, sôfrega Morte;
Das portas infernais sai em triunfo;
Seu reinado os oráculos predizem;
Sobre o sangue dos mártires assenta
Seu troou, são os passos dos Seus santos,
Outros tantos milagres, bens maiores
Do que os mesmos desejos lhes promete.
Os exemplos que dá são adoráveis,
E divina a moral; Ele consola
Ocultamente os corações que ilustra.
Na mor tribulação lhe of’rece abrigo
E se funda o Seu dogma na impostura
É feliz quem por Ele é enganado.

Entre os dois quadros indecisa Urânia,

Que aos olhos te apresento, a ti compete
Deslindar a verdade oculta em sombras;
A ti, cujo talento agudo e claro
Só pela tua beleza é excedido.
Não te esqueças porém, que a mão do Eterno
Gravou dentro em teu peito a lei primeira,
Digo a lei natural: crê que a brandura,
A graça, a perfeição de que és ornada
Não podem ser objecto do Seu ódio;
Crê que lá na presença do Seu trono,
Em todo o tempo, em todos os lugares
O coração do justo é precioso;
Crê, que um Bonzo, um Derviz modesto e pio
Encontram mais agrado nos Seus olhos
Que um Jansenista acérrimo, implacável.
Que um Pontífice injusto, ambicioso.
Usarmos pois com Deus nas nossas preces
Deste ou daquele título que importa?
Recebe imparcial todos os cultos,
Nenhum honra Lhe dá: não, não carece
De obséquios de mortais; só injustiças
O ofendem, se é possível ofendê-Lo;
Por acções de virtude Ele nos julga,
Não pelos sacrifícios que fazemos.

XXVII

De Bocage ao seu amigo Anélio

Se tu na pomposa lira
Te lembras meu tosco abrigo,
Eu também no meu retiro
Não me esqueço dum amigo.

Ouve, Anélio, a minha lira
Despida de autoridades,
Cantar da razão singela
Talvez estranhas verdades.

Frio susto não adeje
Em torno de ti, Camena,
Que se alguns te criminarem
A razão não te condena.

Este dom que sé distingue
O homem neste desterro
Porque é dom que Deus lhe deu
Não pode abonar o erro.

Se a razão, que do Céu veio
Enganasse o triste humano,
Não era a razão autora.
Era um Deus autor do dano.

Logo pois quando vos dita
Despida de prejuízos
Verdades tão inegáveis,
Tão evidentes juízos

Se num ente limitado
Não cabe uma acção imensa,
Como pode a culpa humana
Tornar-se infinita ofensa?

Se o gozo que um Deus desfruta
Não pode ser perturbado,
Quais serão as consequências
Que traz consigo o pecado?

Se as leis sociais ofende,
Evite-as a sociedade;
Não tenham ligeiras culpas
Castigos de eternidade.

Se o mal que produz a culpa
Ao homem sé prejudica,
Quando comete o pecado
Punida a culpa não fica?

Quando mesmo um Deus devesse
Com dura mão castigar-nos,
Na intensidade da pena
Não poderia expiar-nos?

Pois que o homem num momento
Comete infinita ofensa,
Num momento um Deus não pode
Ao homem dar pena imensa?

Mas se acaso a Sua glória
O mortal pode murchar
Este Deus foi imprudente,
Infeliz em nos criar.

Os dias em que os mortais
Cometerem mais pecados,
Para o mesmo Autor dos dias
Serão dias desgraçados.

Da fortuna as inconstâncias
Por este modo sujeito,
E escravo da fortuna
Quem a fortuna tem feito.

Por constante alternativa
Terá os bons, os pesares
Daquelas mãos, que o incenso
Lhe queimam sobre os altares,

Deus grande, porque motivo
A Criação empreendeste?
Que os homens Te ofenderiam,
Acaso não conheceste?

Porque razão a virtude
Borrifaste de amargura?
E pelo contrário ao vício
Uniste tanta doçura?

Os atractivos que deste
A tocante formosura,
Não fora melhor liga-los
A essa virtude pura?

Em vez de tantas reformas
Que tens dado ao grande plano,
Não Vos seria mais fácil
Tirar a máscara ao engano?

Esses espinhos que juncam
A vereda da virtude.
Não era molhor plantá-los
No trilho do vício rude?

Permiti em desafogo
Se diga do meu desgosto
Que ao mais formidável risco
Um Deus bom nos tem exposto.

Qual pescador caviloso.
Disfarçando anzol farpado.
Colhe às mãos peixe imprevisto
Que a isca vai descuidado.

Tal um Deus embelezando
Esse vício desastroso...
Mas que digo! Anélio, um Deus
Que é bom, que é santo e piedoso...

Mas quem pede, Anélio caro,
Meditar sem estranheza
No poder das paixões fortes,
Do coração na fraqueza?

Teologia inconsequente
Que me respondes agora?..
Quanto mais combino ideias
Mais teu sistema piora.

Tu só tens subtilizado
Mil coisas extravagantes.
Que um só golpe de atenção
As conhece vacilantes.

Se eu não devo decidir-me
Avaliando as razões,
É melhor ser insensato
Que fazer combinações.

Se a Providência previa
Dos homens o precipício
Como lhe não deu, podendo.
Mais forças que ao torpe vício?

E se acaso as suas forças
São às do vício iguais,
Criados em puro estado
Porque pecam os mortais?

Foi-lhes dada a liberdade
Para poder merecer,
Mas eles dela abusando
Lhes vem tão funesta ser.

É isto porque o mortal
Ao seu alvedrio entregue
Arbitro das suas acções
A virtude ou vício segue?

Pois um presente escolhido
Que por um Deus nos foi dado,
Para fazer-nos felizes
Temos o homem desgraçado.

Cercado de mil enigmas
Dar-nos-ia este presente.
Seu útil uso ocultando
Ao misérrimo vivente?

De que me serve o segredo
De arranjar um firmamento
Se ainda tendo a matéria
Não sei dar-lhe o movimento?

Que me aproveita ser livre
Se oculto motivo forte
Sempre, oh céus! me determina
A obrar desta ou outra sorte?

Oh, tirana faculdade
Inimiga dos humanos
Se és mãe de algumas virtudes
És fonte de imensos danos!

Apesar que apologias
De génios mil tem aos centos
Sendo a culpa triunfante
São outros meus sentimentos.

Não previa acaso um Deus
Que de ti abusariam
Os homens que formar ia
E que o mal seguir haviam?

Como pois amando o homem,
Sendo em poder infinito,
Um dom lhe deu tão funesto
Que faria e seu delito?

Se mais que todos os entes
Um Deus nos criou perfeitos
Porque a geração humana
É tão cheia de defeitos?

Muitas verdades inúteis
Sabemos com evidência;
Sendo-nos tão duvidosas
As de maior consequência.

Se um mal é de um mal origem
Se é espírito o que pensa.
Se acaso tem a virtude
Noutra vida recompensa;

Se um sé culto a Deus agrada.
Se a minha alma é imortal,
Se é justo que abranja o filho
Do pai a culpa fatal;

Se um todo de partes frágeis
Sujeito a fortes paixões
É infalível, é justo
Sempre em suas decisões;

Todas estas e mil Outras
Ao bem nosso essenciais
Inda são, Deus previdente
Problemas para os mortais.

Porque nascemos despídos
Das verdades interessantes,
Porque seguimos o vício
Somos fracos, inconstantes?

Como de um Deus de bondade
De virtude preciosa,
Emanou a criatura
Desgraçada e criminosa?

Seria a Deus menos possível
Fazer do nada a matéria,
E que enormes globos voem
Pela região etérea?

Tantas mecânicas leis
Prescrever a cada peça,
E que sendo rude o barro
As leis fiel obedeça!

Desse espírito e matéria
Coligar as faculdades,
Fazendo que mútuas se influam
Tão opostas entidades?

Porém, a criar o homem
Não lhe seria possível
Menos sujeito à desgraça,
A virtude mais sensível?

Dar à verdade mais força.
Ao homem maior razão,
E nutrir-lhe para o vício
Incorrupto o coração?

Como, oh, Céus! um Deus que é bom
E tão imenso em poder
Não pode, amando este homem,
A sua ventura fazer?

Ou tu, verdade, ou tu, vício,
Não sois mais que vãs ficções
De atroz política inventos
Para enfrear as paixões;

Ou este Deus que eu conheço
Por humana autoridade
Rindo ao som dos nossos males
Gemer deixa a Humanidade;

Ou talvez, que sendo eterna
Dos homens a geração
Não possa inverter a ordem,
Mudar nossa condição.

Mas se tudo, Anélio, fosse
Obra só da Natureza...
Porém não falte a razão
Nos espaços da incerteza.

Concluo sé, que a Substância
Que é infinito em poder
Se ama os entes que gerara
Todo o bem lhe há-de fazer.

Mas já sereno silêncio
Vai a noite lutuosa
Brandamente gotejando
Sobre a Lira preguiçosa.

De sonhos travessos prene
O surdo Morfeu me espreita
E com seu hálito morno
Os meus sentidos sujeita.

Fica em paz, Anélio caro,
Que os meus olhos carregados
Se dão ao lânguido sono
Do abrir e fechar cansados.

XXVIII

De Bocage ao seu amigo Anélio

Enquanto nas cavas rochas
Chovem os níveis orvalhos,
E os zéfiros contentes
Folheiam nestes carvalhos;

E a azul-ferrete andorinha
Traz do rio no biquinho
Húmido, viscoso barro
Como que formaliza o ninho;

Agora que Febo solta
As rédeas auricomadas,
Aos seus soberbos Etontes
Pelas etéreas moradas,

E dos olhos dos viventes
Voam subtis dormideiras
Deixando acordar as vidas
Que suspendiam ligeiras;

Enquanto húmidos pelicos
Vestem sinceros pastores.
E vão abrindo os apriscos
Aos rebanhos mugidores;

E dos espessos esgalhos
Do verde-negro cipreste
Pia o triste solitário
Que da cor da noite veste;

Outra vez, meu caro Anélio,
Eu tomo esta pobre lima
E oscilando-lhe as cordas
Te digo o que a musa inspira.

Desse alígero Cupido
Os vis, buídos farpões
Não te canta a minha musa,
Nem as terríveis paixões.

Embora da triste Dido
A misérrima desgraça
O fogo entusiasmado
De um Virgílio satisfaça.

Cante as formosas Helenas
Guerreiros, Aquiles fortes
E de Tróia bloqueada
Os fogos, o sangue, as mortes;

Que a minha pobre Camena,
Posto que rude, mas pura,
Sé do poço de Demócrito
Colher verdades procura.

Ouve-as pois, meu caro Anélio,
Que já a razão me inflama,
E por áridos caminhos
A novas questões me chama.

De um Deus que é autor de tudo
Tudo perfeito criou;
Quem trouxe o pecado ao mundo?
Quem a criatura manchou?

Se foi Lúcifer soberbo.
Além de um Deus o criar,
Como podia este vício
No seio da glória entrar?

Como permitiu um Deus
Grassasse a culpa no Céu?
Como na glória engolfado
O Anjo a tenção lhe deu?

Há tão fracos atractivos
Acaso no sumo bem.
Que os Anjos na sua posse
A nutrir a culpa vêm?

Com que poder, com que forças
Um maligno ser podia
Corromper a melhor obra
Que das mãos de Deus saía?

Ou as forças que empregara
Nasciam do seu poder.
E então deve independente
Dum Deus esta causa ser,

Ou pana manchar o homem
Um Deus bom lhe concedera,
Querendo ver imperfeita
A Criação que fizera.

Uma só desconfiança
Murcha do prazer metade,
De não pecarmos na glória
Quem assegurar-nos há-de?

Se dos Anjos a pureza
Pôde o vício bafejar,
Há-de o barro, que é mais fraco
A seu hálito escapar?

Esta devorante harpia
Que do seio verminoso
Cuspiu a fatal serpente
Criou-a e Todo-Poderoso?

Se em consequência da culpa
Desse primeiro mortal
A geração dos humanos
Ficou tão sujeita ao mal;

Como em séculos sucessivos
Um Deus bom nos tem deixado
Gemer no seio da culpa
Sem nos curar do pecado?

Que filo da Medicina
Conhecendo a enfermidade,
Sendo bom, tendo o remédio
A cura retardar há-de?

Se tanto bem nos traziam
Os segredos revelados,
Como em espaços tão longos
Um Deus os teve ocultados?

Se a revelação continha
Mistérios tão interessantes
Porque dela as nações todas
Não foram participantes?

Sendo Pai da raça humana
Que veio remir os pesados,
Porque mis foram predilectos.
Outros, porém, reprovados?

Porque enfim, reproduzido.
Em todo o mundo o Messias
Não vem obrando milagres.
Convencer as heresias?

Porque doutra linguagem
Com os homens não usara,
Que em todos os tempos fosse
Tocante, distinta e clara?

Se nos efeitos e causas
Tanto reina a proporção.
Como de uma coisa santa
É corrupta a Criação?

Nessa fábrica divina
E na massa dos possíveis.
Só jazia o triste barro
E as almas tão corruptíveis?

Pesa sempre para o centro
A pedra, por lei prescrita.
E tão cega obediência
Nem prémio, nem pena excita?

Mas o homem, que por força
Segue a lei que o clima abraça.
Apesar que a lei respeite
Só lucra a sua desgraça!

Ao Alcorão obedecem
Os Turcos mui piamente,
Também da razão se apartam.
Têm mm fé, como nós, ardente;

Têm jejus mui rigorosos,
Mui vivas macerações,
Nas mesquitas mais respeito,
Mais fervor nas devoções.

Por um que chamam Deus grande
De alguns prazeres se esquecem.
Por defender sua lei
Ao martírio se oferecem.

Dizem-lhe só ser divino
O livro que reverenceiam,
Com milagres lho confirmam,
Para que só nele creiam.

Se da razão usar querem
Para analisar-lhe a essência
A tantos absurdos chamam
Mistérios de Alta Excelência.

Seus intérpretes lhe afirmam
Serem seus dogmas sagrados,
Que por Deus ao seu Profeta
Foram todos revelados.

Há-de neles ser um crime
Julgar que a razão ilude;
Mas em nós peto contrário
Será brilhante virtude?

Nos cristãos a fé mais pura
Há-de ao sumo bem levá-los,
E nos tristes Muçulmanos
Há-de a mesma condená-los?

Se é neles feio delito
A razão não abraçarem,
E ridículos inventos
Por dogmas acreditarem;

Não será em nós absurdo
Antes conforme a razão
Crer que é Deus, real, imenso
Certas espécies de pão?

As quais sem dif'rença vejo
Serem as mesmas na cor,
Na forma, figura e tacto,
Igualmente no sabor.

E quando destas *espécies*
Ao mesmo tempo mil comem,
Direi, que um só Deus e que todos
Um só Deus real consomem?

Direi que do homem vindo
Ao coração fraco unir-se
O deixe triste e corrupto
Igualmente ao despedir-se?

Direi mais... mas aonde, Anélio,
Quer levar-me esta razão?
Parece que em tudo oposta
A nossa religião.

Um dom que das mãos me veio
Do um Ser que meu bem deseja,
Eu não sei por que motivo
Repugna às provas da Igreja;

Provas que só têm por fonte
Fracas, humana tradição,
O natural amor-próprio,
Princípios de educação.

Mas se em iguais circunstâncias
Estão estes muçulmanos,
Porque devem rejeitar
Suas provas como enganoso?

Se nelas crê um bom Turco
Com uma santa Intenção,
Se ama um Deus, se estima os homens,
Dentro do seu coração;

Se das alheias desgraças
Está sempre a consternar-se,
Se os miseráveis socorre,
Sons disto vangloriar-se;

Se a soberba desconhece
Tendo a vaidade por mal,
Se quando a fortuna o ajuda
Julga o pobre seu igual;

Um Deus que arguta o povo
Que com os beijos O honrava,
Porquanto seu coração
Muito longe d'Ele estava;

Condenar há-de este Turco
Que um Deus sincero adorava
Por não ouvir uma igreja
Que ele falsa repulsava?

Só por um extremo culto
Ele seguira diferente,
Há-de um Deus piedoso e justo
Condená-lo eternamente?

Nasce o homem sem escolha,
Dão-lhe a beber o veneno;
Se abraça o mal por virtude
Em que ofende o Céu sereno?

Seus livros, povo e país,
Seus mestres e a educação,
Tudo por força lhe apaga
A fraca lei da razão.

A quem devo perguntá-lo,
Justo Céu, tu me responde
E a virtude que sigo?
Quem a verdade me esconde?

Se por fraqueza a não vejo
Porque fraco me criaste?
Se a verdade me era útil,
Porque ma dificultaste?

Mas o Céu fica em silêncio
E minha alma aflita gira.
Por entre mornas ideias
Onde a confusão respira.

Porém já meigo descanso
Bafejando a minha lira
Lhe persuade a calar
A séria mudez lhe inspira.

Já sinto a picante fome
Que em torno de mim adeja,
Já na parda porcelana
O leite gostoso alveja.

Permite que eu saboreie
Esta inocente bebida,
Onde a sopa abeberada
Mudamente me convida.

Os Céus queiram mil prazeres
Goze a tua alma inocente,
E que Anélio não se esqueça
De um Lídio que vive ausente.

XXIX

Ao Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. José de Seabra da Silva (no dia dos seus anos)

*In te spes omnis... nobis sita est;
Te solum habemus: tu es patronus, tu parens.*

Terêncio, *Os Adelfos*, acto III

Costume de chorar, tenaz costume,
Horas dadas ao pranto, eia, dourai-vos!
Um dia de prazer por tantos dias
De amargura, e de horror me cabe ao menos.
Memória e coração despindo o luto
De antigos males, de recentes *danos*,
Em honra da virtude exultem, deixem
Asas libertas ao furor sagrado.
O que é das Musas digno as Musas cantem,
O que é digno dos Céus aos Céus mandemos;
E se o calor febeu morrer na mente,
Tu, brilhante razão, serás meu estro.

Renasce um dia, que em carácter de ouro
Há-de sobressair nos lusos fastos;
Renasce um dia, parecido àquele
Que ao sorriso de um Deus surgiu do nada,
E é símbolo do Céu, símbolo da alma
Em quem mil claros dons meu canto exigem.
Salve, oh grande natal, que em glória cedez
Somente ao portentoso, áureo momento,
Era que atónita viu a indigna Terra
No véu da humanidade um nume oculto!
Salve, dia imortal, que rebentando
Dentre os fuzis da temporal cadeia,
Serás coa eternidade incorporado
Sabendo-te a diferença apenas Jove!
Que ufano ergueste nu horizonte a face!
Que insólito pavor puseste à Noite!
De vulgares natais ao lume afeita,
Altamente estranhou a tua aurora.
Viu nela os Risos, viu as Graças nela,
Não risos, e não graças da Moleza;
A Virtude, a Razão, robustas, graves,
Num ar viril, sisudo as envolveram.
A deusa carrancuda, estremecendo
No carro, que dos astros se rodeia,
Solta os negros cordões aos negros brutos,
Coa dextra sobre os dorsos amiúda
De atro flagelo horríssonos estalos,
E o medo a rapidez multiplicando

Quase dato salto pelo interno a some.
Serena e pura a Natureza fica,
Fica digna de ti, dia risonho,
Dia em que etéreo dom luziu *no* mundo.
Foi Seabra este dom, nasceu com ele
De insignes atributos cópia imensa,
Os que nunca os mortais em dote houveram
Da mão suprema num só ente unidos.
No horóscopo do herói sorriu-se o Fado,
As rugas aplanou da fronte horrenda:
Olhos que de uma vez contemplam tudo,
Na recente fitou cândida face,
E dentre as sombras dos mistérios fundos
Tais destinos predisse ao claro infante:
«Serás da pátria, do universo, a glória,
Cem tubas, com que a Fama o globo atroa,
Hão-de apenas bastar para teu nome:
Verás da alta política os arcanos
À perspicácia tua escancarados;
Tua mente lustrosa, e veladora,
Árduas combinações sagaz travando,
Fará sobre a altivez, sobre a grandeza
Do Tâmesis, do Sena alçar-se o Tejo:
Teu espírito ao mundo assombros novos
Apercebendo irá, e inda maiores
Teu coração promete à Natureza.
piedade rectidão, beneficência,
A magnanimidade, os dons sagrados
Almos eflúvios do luzeiro eterno,
Que do eleito mortal ao seio emanam,
Todos mistos em ti, farão que passes
Os exemplos não só, 'té as ideias,
Amplas ideias da virtude humana.
Ao desvalido, ao triste, ao malfadado
Mil vezes teu favor será guarida,
E por ti vezes mil de inexorável
O atroz carácter desperei com eles:
Virtude até comove, altera o Fado,
Se virtude se exalta ao grau da tua.»

Destarte a vos fatal e omnipotente
Teus futuros abriu, Seabra ilustre,
E entre todos os títulos fulgentes
De que era ti se compôs mural grandeza
Tão sublime nenhum, nenhum tão raro
Como o de amigo, e pai dos não ditosos,
Daqueles cujo mal não vem do crime,
Cujos mal tem raiz nas mãos da Sorte.

Eu, agregado ao número funesto

Das vitimas chorosas do infortúnio,
Que trago na cerviz, na frente, e na alma
Seu peso esmagador seu nome acerbo.
Em vão com teu formoso, egrégio dia
Em são quero iludir, corar meus males.
Por entre os turbilhões de altas ideias
Que abala o teu natal, e a glória tua,
Fia mente alvoroçada imagens tristes,
Negras, medonhas, como dantes surgem.
Para gemer, senhor, para chorar-me
Tenho, além da razão, tenho o costume:
Segunda natureza em nós se torna,
Só torça mais que humana é que o remove
Tu, que em zunia virtude és mais que humano,
Converte a guerra em paz, em riso o luto,
Que do vate infeliz envolve a mente.
Arranca-me ao penoso, ao férreo jugo
Da Sorte avessa, da tenaz Desgraça;
Compassivo a meus ais, exerce. e cumpre
O que de ti soou na voz do Fado:
Quase um Deus Para mim, renova esta alma,
Esta alma, que era suspiros se evapora;
Torna-me cisne, enfim, com teus influxos,
Que eleve o canto, sem que a morte o siga.
São raros os Camões, o dom divino
Em raros pode mais que a desventura:
Nestas sombras se apaga o sacro fogo,
Nas garras da indigência as Musas morrem.
Ah! Destes males não pereça a minha,
A minha, que subiu aos teus louvores.
És magnânimo, és grande; os Céus, os fados
Da Fortuna os tesouros te doaram,
Tens o jus, e o poder, ambos augustos,
De tornar venturoso o desgraçado:
És órgão da suprema autoridade,
Puro e vasto canal por onde as graças
Manam do trono excelso ao curvo rogo.
Doce, ténue porção dos dons imensos
Que o Céu te conferiu, confere ao triste,
Cuja voz lamentosa a ti se eleva,
Cuja fama, senhor, purificaste
Das nódoas torpes da mordaz calúnia,
E a quem já vezes mil num teu sorriso
Deste amável penhor do bens vindouros.
Realiza, efectua o grato anúncio:
Assim teu dia, sobranceiro à Morte,
Torne sempre a brilhar como hoje brilha:
Assim da clara esposa as brandas graças
Sempre enfeiticem teus benignos olhos,
E o florecente par, delícias tuas,

A dádiva celeste, a digna prole,
Prole em que te revês, com que te encantas,
Tão grande como tu, produza, anime
Longa série de heróis, que leve a glória
Ao termo do universo, ou do teu nome!

XXX

Ao Sr. António José Álvares

Usus amicitiae tecum mihi parvus ut illam
Non aegre posses dissimulare, fuit.

Ovídio, *Trist.*, Livro III, Eleg. V

A minha gratidão te dá meus versas:
Meus versos, da lisonja não tocados,
Satélites de Amor, Amor seguindo
Coas *asas*, que lhe pôs benigna Fama,
Qual níveo bando de inocentes pombas,
Os lares vão saudar, propícios lares,
Que em doce recepção me contiveram
Incertos passas da Indigência errante;
Dos alhos vão ser lides, que apiedara
A catástrofe acerba de meus dias,
Dos infortúnios meus o quadro triste:
Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate opresso,
Que o peso dos grilhões me aligeiraram,
Que sobre espinhos me esparziram flores:
Enquanto não recentes, vãos amigos,
Inúteis corações, volúvel turba
(A verses mais atenta que a suspiros)
No Letes mergulhou memórias minhas.
Amigos da Ventura, e não de Elmano,
Aónio serviçal de vós me vinga:
Ao nome da virtude o vício core.

Não sei se vens de heróis, se vens de grandes;
Não sei, meu benfeitor, se teus maiores
Foram cobertos, decorados foram
Do purpúreos dosséis, do márcios louros:
Sei que frequentas da Amizade o templo,
Que és grande, que és herói aos olhos dela,
E eu menos infeliz que tu piedoso:
(A ideia na expressão me cabe apenas!)
Alma iludida, espírito indigente
Se paga, não de que é, do que outros eram:
Os manes dos avós em vão revoca,
Lustre quer extrair do horror da Morte,
Remexe as cinzas, e recorre ao nada.
Tu, dádiva do Eterno a meus desastres,
Tu não careces de esplendor postiço;
Tens os títulos teus nas acções tuas,
Por índole a virtude, o bem por norma,
A glória de o fazer, e de ocultá-lo:

Eu a glória também de expô-lo ao mundo,
De ornar com teu louvor a humanidade.

Embora a falsa Opinião maligna
Dardeje contra mim, fulmine a honra,
O carácter de Elmano. Eu tenho Aónio,
Eu tenho a consciência; ambos me escudam;
Munido de ambas à mordaz caterva
Posso afoito bradar: – Mentis, perversos!
Quem preza a gratidão não preza o vicio;
O mental vicioso é sempre ingrato.

XXXI

Ao Il.^{mo} Sr. Sebastião Xavier Botelho

(Em resposta de outra)

*Certum est in silvis, inter spelaea ferarum
Malle pati, tenerisque meos incidere amores
Arboribus: crescent illae, crescetis amores.*

Virg., Écloga X

Se lúgubre existência amargurada
Merece acaso de existência o nome;
Se as lágrimas, se os ais, se a dor são vida,
Se não é a alegria essência dela,
Consola-te, Salício: existe Elmano.

Mas se em torno ao sepulcro os manes gemem
Se, roto o véu que a Natureza envolve,
Inda em nós, como dantes arreigado,
O sentimento é rei, e é rei tirano;
Se nos montes da imensa eternidade
Memórias, sensações, martírios duram,
Levados deste globo insano, e triste:
Se cada pensamento é lá verdugo.
Qual ao não pago amante é sobre a terra;
Se em míseros como eu, que em vão sonhassem
Num só momento ressarcir mil dias,
Se em míseros como eu, que tenham visto
Feroz ingratidão falsear-lhe os gostos,
Inda lá deste horror a imagem reina,
E entre os risos do Céu negrejam Fúrias,
Que, mais e mais bramindo, ardendo, assanhem
Os ciúmes, a Peste, a morte da alma;
Se tanto de infelices amadores
Pode o ferrenho, inexorável Fado,
Suspira, terno amigo: Elmano é morto.

Não foi crua ficção de antigas zoilos
Que de mim disparziu funéreo anúncio.
Quem meus ais escutou, que viu meus mates
E o duro, inevitável seu progresso
(Sendo um só deles, o menor de tantos,
Para os fios vitais idóneo golpe)
Crer não devera que no ansioso amante
Em morte infausto amor se convertesse,
E mais quando suspeitas ltuosas
Até da ausência minha se ajudavam?

Só tu, febeu cantor, só tu, e Ulina
Ao mundo o coração me tínheis preso:
Ela foi-me cruel, tu me deixaste;
Eu sem ela, eu sem ti não era Elmano,
Era um fantasma, que gemia errante
Pelos ermos vastíssimos da morte,
Entre as aves da noite, entre os ciprestes:
Elas, que o pranto extremo em ais agouram,
Eles, que, amigos das caladas cinzas,
As urnas dão piedosa, e triste sombra.
Sim, desapareci, voei, Salício,
De ante os lumes do Sol, fechei meus dias
Na dor, na solidão, na escuridade.
Quis, quis punir os temerários olhos
Da desditosa audácia, antes insânia,
De verem, de atentarem cobiçosos
Celestes perfeições (ah!) cujo néctar
Depois no coração se fez veneno!
Meus olhos castiguei, inda os castigo
Com total privação de quanto é gosto;
Da peçonha amorosa, em que flutua,
Neles o coração se está vingando:
Para se despicar cruel consigo
A menor distracção não sofre aos olhos,
Suave distracção (de que pudera
Também participar) não lhes consente
Que, errando aqui, e ah por entre Graças,
Como a abelha sagaz por entre as flores,
Em rosas, em jasmíns, em neve, em ouro,
Nos melindrosos, virginais feitiços
Vão colhendo o que a terra em céu transforma,
E com maga ilusão talvez presumam
De objectos mil, e mil no mais formoso,
No mais encantador gozar quem amam.

Só fúnebres imagens carrancudas,
Só pranto em fio o coração permite
Aos do seu dano artífices moentes.
Não mais hão-de arrostar, para alegrar-se,
Não mais hão-de arrostar senão Salício,
Se inda olhá-lo uma vez os Céus me derem,
Ao menos uma vez... uma! E quem sabe?
Pode ser ousadia esta esperança:
Tanto (ah!) tanto a existência em mim vacila!

Tu, feliz, porque Amor, e a Formosura
Com tiránicas leis, de férreo peso,
Alvedrio, e razão te não sufocam;
Tu, que pões a altivez da liberdade
Junto ao poder fatal, que as atropela;

Que de alvas, meigas ninfas ladeado
Lá nesses campos, onde o Tejo estende
As vagas de cristal por margens de ouro,
Cantas de amor, sem que de amor suspires:
Qual diz a fabulosa Antiguidade
Que viu no fuge a salamandra ilesta,
Ou qual, sem se abrasar, sem consumir-se,
O assombroso amianto em si mantinha
Ardor, que os lenhos corpulentos come.

Ai! Se desses gentis, louções objectos
Só júbilos extrais, carícias, dores,
Teme que as flores víboras ocultem,
E que sejas mordido onde amimado.
Dos risos da alegria Amor se enfeita,
E invisível prisão nos forja. e lança:
É doce, é brando Amor em seu principio;
Amor em seu progresso é agro. é duro.
Olhos da cor dos céus, se o dia os orna,
E olhos da cor das céus, se os veste a noite,
Virgíneos lábios, exalando aromas,
Descendo a níveo colo anéis dourados,
Com que os Amores, e os Favónios brincam;
Lindas mãos, lindo seio, e tudo lindo,
Nectáreos mimos de fagueiras Nises,
Penhas amolgam, mármore derretem;
E para mil troféus ganhar num pente
A beleza (ai de mim!) não, não carece
De quantas forças tem: qualquer sorriso,
Um descuido, um silêncio, um gesto, um nada,
São para os corações incêndio, laços,
E às vezes precipício, e morte às vezes.

Acautela-te, ó vate! Amor não dorme:
A noite cio guerra o vê, e o dia era guerra,
E o campo da batalha é todo o mando.

Um meio há só, talvez, que os golpes frustre,
Vibrados pela mão do deus das setas
As almas, que a Razão forrou de exemplos,
Tais como o exemplo meu, que a ti, que a todos,
Padeçam coa ternura, eu não padeçam,
Deve (amigo farol) guiar rias ondas
Do pego tormentoso, Amor, chamado,
Até que vão surgir no Desengano,
Porto esquivo aos baixéis, nublado aos nautas,
De frequente escarcéu lassos, e roles.

Um meio existe, pois (e quão saudável!)
Contra a geral paixão, paixão suprema:

E da Amizade no benigno seio
Apurar a existência, os gostos dela;
Não só viver em si, viver em outrem;
Ter duas possessões. dois sofrimentos
Já no bens, já no mal, e em turvejando
A hora de pavor, que os reis não poupa.
Ter jus de preferir com vez sumida
Ao amigo fiel, metade nossa:
«Fico existindo na existência tua.»

Destarte, e sem delírio, e sem remorso,
Vivas sedes de amar, de ser amado
No espírito se abrandam, se contentam;
Destarte, puro affecto alegre, e manso
Substitui a paixão, que vezes tantas
Fonte de vícios, a constância arrasta,
Enxovalha a moral, apaga o siso,
E entra num mar de pranto, ou nuns de sangue.

O Céu te deparou, feliz Salício,
Esse bem social, tão raro agora:
Tens no amável Dirceu, tens um tesouro
De alta amizade, cordial, fervente,
Daquela que luziu nos áureos tempos,
E de que és tão credor na férrea idade.
Com ele, cem seu nome a lira exerce:
O louvor da Virtude é lei nos vetes:
Por mais esse caminhe aos astros sobe.

Pinta o digno consorte, a digna esposa,
Os dois em que himeneu sempre é ternura,
Sendo, eu discórdia, eu dissabor em tantos:
Nesses doces affectos inocentes,
Esquivo a Amor, teu coração se enleve.

Mas que serena, luminosa ideia
Do escuro da aflicção me surge na alma!
Ideia só não é... Que luz! Que assombro
Que imagem! Que visão! Eis a meus olhes,
Eis a meus olhos, em purpúreo globo,
A par de génios cem, risonhos, belos,
Bela, e risonha, de rubis os lábios
A fronte de açucenas guarnecida,
De neve a face, que variam rosas,
Na dextra empunha divinal donzela
Palma viçosa, do triunfo emblema!
Olhes, no eterno sol purificados
Inclina sobre a terra, e cem suspiro
(Suspiro que é Prazer) perfuma os ares.

Ergue, ah! Ergue Salício, ao sacro objecto
Vista maravilhada: ele te acena,
Ele chama por ti, por ti suspira,
E as delicias do Céu deixou por ver-te.
É Marcina, é Marcina, a glória tua,
Timbre do Amor, e da Virtude esmero;
E Marcina, é Marcina, aquela, aquela
Cujas graças morais, e externas graças
Séculos hão custada à Natureza;
É ela, cujo espírito brilhante,
Tesouro, que do Céu caiu na Terra,
Teus momentos dourou, dourou teus fados;
Ela, que humana foi, mas só na morte,
Divina em tudo useis. Ó tu, que outrora
De quantos em ternura o peito inflamam
Eras o usais ditoso! Atende, escuta
Que frase encantadora a teus ouvidos
Vem das macias virações no adejo:
«Esse globo infeliz não tem Marcinas;
O extremo das paixões morreu comigo:
Memórias rainhas teus amores sejam.»

Assim com vozes, que destilam néctar,
Te fala a semideia, e volve aos numes
Entre os filhos da luz... talvez foi sonho
A santa aparição! Talvez minha alma,
Afeita à sua ideia, a dar-lhe cultos,
Talvez a fantasia extasiada
Aos olhos corporais fingiu Marcina!
Porém fosse ilusão, verdade fosse,
Eu, vítima de ingratas, eu, Salício,
De paixão cega desgraçado exemplo,
Repito o que julguei que a tua amada
Da rósea beca te enviava ao peito:
«Neste globo infeliz não há Marcinas;
O extremo das paixões morreu com ela:
Memórias suas teus amores sejam.»

XXXII

À Il.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonor d'Almeida, Condessa de Oyenhause

*Queste mie carte in lieta fronte accogli,
Che quasi in voto a te sacrate io porto.*

Tasso, *Jerusal. Libert.*, canto I, e está. IV

A cantora imortal, deusa da lira,
Que exprime em áureos seus, em metro augusto
O que é digno de Jove, ou digne dela;
A cantora imortal, de Lísia esmalto,
A mente, e o coração consagra Elmano

Mulher deidade! Majestosa Alcipe,
Ó grande! Ó primogénita de Febo!
Prospera a glória minha à sombra tua;
Abriga os versos meus, que vão meus versos
De honrosa eternidade a ti sedentos:
Aos vates parte dela é teu sorriso.

XXXIII

Ao Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e secretário de Estado dos Negócios da Marinha, etc., etc.

(Traduzida do latim de José Francisco Cardoso)

Com que dádiva mais valiosa podemos penhorar a república, elo que instruindo e amestrando a mocidade? Mormente nos tempos e costumes actuais, em que ela de tal sorte se tem desmandado, que releva apurar todas as formas para abstê-la, e refreá-la.

Cícero, *De Adiv.*, Livro I

Quando altas coisas em teus ombros pesam,
Bem que inferiores ao teu génio todas,
Misturar intentando o ténue, e o grande,
Terei, celso varão, de insano a fama.
Porém súplice voz onde é vedada?
As portas de ouro o Céu franqueia às preces.
Um momento me basta, se um momento
Do grave ministério extrair podes.
Lidas, cuidados meus benignos atenta;
Longe espaço aos teus olhos seja um ponto.

Dois lustres, e anos dois suei constante
Da romana gramática no ensino,
Cansada a mão, que a puerícia fere;
Cansada a mão não só também com ela
Quase desalentado e sofrimento:
Nugas gramaticais apoucam, ralam.
E como, esquivada aos mais, me demandasse
Toda a tenra caterva adelesoente,
Quadruplicada foi minha fadiga.
Do sagaz jesuíta as árduas moles,
Com que oprimida jazia a mocidade,
Em terra derrubei pelas raízes.
Eis por mim floresceis, oh novas plantas.
E a seara de espinhos eis de rosas!
Bárbaro outrora, outrora inextricável,
Pus gramática nova em plana estrada.
Nova porém não é, mas é qual fora,
E usurpados direitos recupera.
Se Alvares transformou (por mil seguido)
O bom método antigo em arte longa,
Com ânimo dobrado, e não perito,
Desfez-se a nuvem já; folgai, meninos!
Mal vos pode empecer maligna turba.
já Franco e Madureira as costas deram,
E honra a douta Minerva as plagas nossas.

Desvelade também, como releva,
A primária noção da pátria língua
As lições antepus da língua ausónia;
E o que aprouve partir por sócios quatro
Urge (peso de mais) meus frágeis ombros:
Tornar-me benemérito da pátria
Anelou nobre ardor, que me afoguem,
E que em mim produziu vigor, e esforço.
Algum dirá talvez – «A lei cumpristes
Sim; mas a mesma lei, com que me argúi,
Era não praticada, e não sabida.
Primeiro executor do régio mando
Fui: (mais que ténue glória aqui me cabe!)
Muito porém me antecederá o mando.
Quanto a sagrada voz legisladora
Impôs da mole idade em benefício
Eu satisfiz primeiro, e só, e exacto.
O estudo essencial seis vós, costumes,
E essencial cuidado aos preceptores;
Nem cuidado mais vivo encheu minha alma.
Em curta idade, em ânimo recente
Proficuas instruções melhor se arreigam.
O que se deve a Deus, e ao rei se deve,
E o que aos mais, e o que a si, e aluno aprenda.
Daqui dimanam o magistrado, o chefe;
Dimanam sacerdotes, pais, esposos
E dimanam o soldado. Em vão quisera
Projecto conceber maior, mais útil,
Que dar morais noções à mocidade;
De inteira educação provê-la orná-la,
Que não foi meu dever, que em mim não coube
Confesso; mas algum louvor ao menos
Resulta de aplicam-lhe a mão primeiro.
Tudo, sem excepção, vai dos princípios;
Pelo princípio se avalia o todo:
O que mal começou, mal se adianta,
Em meio a obra vê quem bem começa.
Como por largo tempo o vaso nove
Respira os cheiros, que uma vez conteve,
Assim a mente humana aguda, atenta
As primeiras espécies guarda e zela:
Quanto mais dócil o menino inclina
O pensamento às artes, mais o p' rigo,
E o desvelo será, por que não peguem
No mimoso terreno as más sementes,
Nem sobre a fértil chão viceje o dano.
Que engenho, que vigor não têm, não gozam
Muitos, a que o vigor e engenho empecem!
No peito juvenil rápidos lavram
Os males, que tolher nem Délio pode,

O dolo, a fraude surgem; vêm com eles
A ventosa soberba, a magra inveja;
Vêm outras pestes; ferve a ira, e Vénus.
Os nocivos exemplos se acautelem;
Que inda tendo pendor para a virtude,
Os tenros corações se embebem neles.
Da rígida moral cultor, e amante,
O sério preceptor lamais pratique
O que imitar não deve o fácil bando.
Vendo em quem o dirige acções louváveis,
Nas acções dele, como em liso espelho,
O aluno se retrata e se converte,
Se porventura o crês, errar não pode
Seu hábil director; ninguém mais douto,
De mais luz, mais saber ninguém no mundo.
Ao bom moderador convém lucrosa
Tornam esta ilusão, por que não fiou e
Inútil a pueril credulidade.

Mas de um princípio só não colha os meios;
Para quantos instrui igual não seja.
Em nada cumpro tanto experta indústria.
Sagaz primeiro as ânímos profunde
Indague os corações, estude, observe
O que amarga ao menina, o que é suave:
Depois de lhe entendem mistérios da alma,
A vária senda trilhará sem risco.
O engenho na doutrina se vigora;
Óptima, enfim, que seja a Natureza,
Falece, falecendo-lhe o preceito.
Muito aproveita que distinga o mestre
Se é do aluno abastada, ou pobre a mente;
Se é vigilante, aguda, eu frouxa, inerte.
Quem teve o dote de índole prestante
Ou nenhuma fadiga, ou pouca exige:
Este de condutor carece apenas;
Assaz é sinalar-se-lhe o caminho,
Qual das aves a impávida rainha,
Concebe os astros, solitário voa.
Obra porém de natureza escassa
Com súbito remédio se melhora
Por mão, que as artes próspera exercita.
Piedosa ao infeliz, que em vão forceja,
E sua em repelir seu fado iníquo,
Preste amigo favor, e auxílio brando.
Frutos colha talvez da árvore tenra,
Que entre viçosas plantas se envergonha
Se depois da cultura estéril fica,
Os juvenis espíritos cem vezes
Com prudente socorro em cópia brotam

Riquezas até'li sumidas neles.

Porém a multidão mais numerosa
Com que importa aturar destreza e força,
São esses em que a lânguida preguiça
Da Natureza os dotes enxovalha.
já plácido com eles, já severo
Convém, ó preceptor, convém que selas.
Uns a outros opõe: consegue às vezes
Briosa emulação quanto não podem
Castigos conseguir, nem ameaças.
De assíduas correções este precise;
Estoutro co louvor se persuade;
Aquele pela mão guiam-se deve;
E há tal, que só violência o dobra, o vence.
Alma desassisada, incuriosa,
Porque despenderá sem lucro o tempo?
Constrangida Minerva, é tudo inútil.
Suores se não percam, longe O inepto,
E aconselhado eleja o que lhe quadre.
A frequente rigor som fruto obriga,
E faz com que sem fruto a bília ferva.
Horível aos discípulos não sejas:
Se ao grau, se ao nome de prudente aspiras,
Infundindo respeito, amor infunde.
Virtude os meios ama, odeia extremos:
Ou duma, ou doutra parte há precipícios.
És de nenhum proveito aos educandos,
Com eles indulgente em demasia:
E sendo-lhes tirano, és detestado.
Sobre esta norma impor limites certos
Quanto é difícil, a exp'riência o diga;
Mas as forças morais lidando crescem.
Do custo de vencer procede a glória;
Do vencimento leve é leve a fama.

Baianos cidadãos, eu vos atesto:
Nada (bem o sabeis) nada omitido
Ante vós foi por mim de quanto exponho.
Da cidade e do campo aos habitantes
Lá notório me fiz, inda que muitos
Conhecessem meu nome, e não meu rosto.
Confiar-me à porfia a prole amada
Vinham de perto alguns, alguns de longe;
E sinistra ilusão nenhum cegara.
Atesto novamente os pais, e os filhos,
Eu, que a todos os graus, que às várias classes
Dei condignos varões, idóneas almas.
De mim o altar de um Deus ministros houve;
De mim Témis, e Marte os seus houveram.

Mas não é do gramático este efeito;
Plaga breve os gramáticos limita,
E pense o que pensar caterva ilusa.
Hoje (tempo de coisas, não palavras)
Porventura o gramático presume,
Pode acaso ostentar, qual noutras eras,
Ciência universal? Ai! Miserando!
A tenuidade o cinge, o prende à terra;
E qual dedálea prole os Céus comete?
Mas como todavia humanas coisas
De rasteiros princípios altas surgem
Tal, semelhante à base, é proveitoso
Para o grande o pequeno, o pouco ao muito.
Porque em ausónia voz se exprime o sábio?
Ela da erudição nos abre as portas;
Vós caístes por fim, romúleas torres,
Mas a língua formosa ainda reina:
Opulenta às modernas comunica
Soberbas expressões, de que blasonam;
Donde vem que de todas mãe se aclame.
Eis o merecimento, eis a virtude,
O louvor, que lhe frisa: inda que arrogue
Maior jurisdição, mais vasto império,
A língua em ténues sons tem só domínio.

Nota quanto adquirir convém primeiro,
Ó tu, que de palavras legislando,
O gramático assento ufano ocupas.
Dou que saibas ligar vozes com vozes;
És por isso talvez capaz de tudo?
Lavras na areia, bem que exímio sejas,
Encadeando os sons, se perspicácia.
Se critério não tens, quando interpretas.
Este dom de explanar é força inata;
Mantém-se de artes mil, se não se aprende.
Da lógica primeiro o auxílio chama;
Seu facho luminoso ela te empreste.
E te doure a sentença tenebrosa,
E alcance da verdade os trilhos certos.
E de proveito aqui saber costumes,
Usos cumpre saber, da Antiguidade
E o que vem dos anais e prisca fama.
A ti, que assiduamente revolvendo
Estás os monumentos dos Antigos,
É decente ignoram o que exercitas?

Também presta, a meu ver, que os pátrios gregos,
Saúdes: este altíloquo idioma
Aos não versados nele esconde arcanos,

Que ao ministério teu, sabidos. valem,
É para a lácia língua a língua grega
O mesmo que a latina é para as outras;
E esta, se bem que farta, deve àquela
Inda mais abundante os atavios.
As leis da elocução correr importa,
E da poesia as doces leis te encantem.
Sabem prodígios o orador, e o vate;
A todos sobressaem, têm força em tudo;
Coa ficção, coa verdade imperam ambos.
Com revezado apoio ambos se alentam
Movendo, e deleitando, o mesmo ensinam,
Posto que os leve ao fim diversa estrada.
Transmitir poderás os seus preceitos
Se de Flaco, e de Fábio os não tomares?

Vozes mil no que lê se of'recem terras;
Mas descritas estão; sabê-lo é fácil.
Mostra mapa fiel do mundo as partes;
O que é província reino, o que é cidade,
O que é rio, o que é monte, e porque pede
Molesta aplicação, paciência longa,
Nome por nome colocar na mente,
Basta que observes a miúdo a carta.
Nada mais infeliz e indesculpável
Do que entender que Tauro é sempre fera,
Do que entender que Atlante é homem sempre.
Vai por culpa de equívoca palavra
As vezes o leitor cair no engano.
Cartago uma não foi; Beócia teve
Sua Tebas, e teve Egipto a sua:
Tu também, Salamina, em dobro foste.
Outros erros provêm de causa oposta:
Bizâncio de dois nomes se gloria;
Tróia por muitos nomes foi chamada.
Aqueles, que alterou lugar, e gente,
Cuida de os apontar aos teus alunos,
A fim de que não tenham por diversas
As coisas, que só distam na palavra;
E as entre si remotas uma julguem.
Terra, e terra distingam; povo, e povo;
Sua religião, e os seus costumes:
Quais as alterações nos homens foram,
Quais houve na moral, quais houve em tudo:
As guerras, os tumultos; e acomodem
Os sucessos aos tempos, Estas coisas
Na escuridão, que lendo ocorre às vezes,
Todas puro sentido extraem do texto.

Ao preparado assim quanto não resta,

Quanto mais por saber! Trilhando aquele,
Inda tem que trilhar mais árduo campo.
A pública instrução tu destinado,
É justo que entesoures na memória
Tudo o que Roma deu na pátria língua.
Ritos, e tábuas, inscrições, medalhas,
Fastos, e a série enfim dos escritores.
Não só luziu na guerra a Márcia prole.
Também foi rara nas Paládias artes.
De halo os netos, e o Dardânio sangue
Danos do Fado já temer não sabem.
Acaso o voo dos mudáveis tempos
Ousará ser funesto aos dois luzeiros,
Émulos das estrelas, Maro, e Túlio?
Rival do Isménio cisne, o grande Horácio
Cantou, regendo o plectro milagroso,
Coisas, em que poder não teve a morte.
Também soa imortal de Ovídio o nome
Entre o nome dos três, como ele acesos
Do feiticeiro Amor na doce chama?
Inda Pérsio mordaz argúi o povo;
Inda a Musa Aquinate os risos move,
Coa voz cortante golpeando o vício.
Se negros sacrilégios, se blasfêmias
Nos versos de Lucrecio não fervessem,
De ler-se, e de reler-se dignos foram.
Cecílio resplandece - em gravidade;
Terêncio em arte; Énio reluz no engenho;
Na facécia, no sal, tu Plauto brilhas;
A Tácito, a Nepote, a Lívio, a Crispo
A fama em tempo algum morrer não pode.
Tu, César, que altamente espada, e pena,
Honra ao claro Tibre, associaste;
Vós, Sénecas também, ambos famosos,
Glória da Espanha, mestres dos costumes,
E tu, Censor Calão; vós Celso, e Cúrsio,
Fedro, Vitruvius, Suetónio, Estrabo,
Varrão, Lucano, Estácio, Floro e Sílio,
Quantos nas quatro idades florecentes,
Aquém da Estige triunfais da morte.
Entanto que existir quem preze as Musas,
Enquanto houver quem cante, houver quem leia,
Durará sobre a Terra o lustre Ausónio.
Do muito que tratou, que há promulgado
A douta, veneranda Antiguidade,
Nada Roma sofreu, que os seus calassem.
E se contudo remanescem coisas,
Que amplamente não dê nos cultos livros,
Neles de todas vem memória ao menos.
Eis sábio velador, que o rádio empunha,

Estuda pelos céus, e mede os astros;
Eis outro após de Plínio esquadrinhando
Os bens da Natureza, os dons da Terra.
Alcáçares coríntios ergue aquele;
Este absorto contempla, determina
Dos corpos gravidade, e movimento.
Um diz segredos teus, arte de Apeles:
Outro, por que milagre a pedra vive.
Que prolixa tarefa, incrível quase,
Um espírito só prestar-se a tanto,
A que inda os anos de Nestor não bastam!
Força é porém que o principal granjeie,
Se alta reputação lhe dá cuidado,
Se não quer (desluzindo o magistério)
Que nas faces lhe assome a cor do pejo.
Doutíssimos varões nos precederam,
Que a bem nosso aplanando alguns estorvos,
A posse destas luzes tornam fácil.
Recorra-se a tais mestres com frequência.
No indigente a razão pode queixar-se,
Se não busca riqueza onde se oferta,
Onde à necessidade está patente?
No mais inda tolero a mediania;
Mas há coisa, em que só de um erro leve
Nascem mil consequências pesarosas.
Isto, que mais e mais sondar-se deve,
E a recta moral, ciência augusta,
Com que o mal, com que o bem se patenteia.
Estes dois eixos para nós são tudo:
As humanas acções se movem neles;
Mas o justo, e não justo ao vulgo escapa.
Muitas vezes o vulgo inverte as coisas,
C bom desaprovando ao mau se aferra.
Ai do menino! Que perigos corre
Se, torpemente indouta a mão que o rege,
Aos turvos olhos seus abrir não pode
O clarão da verdade anuviada!
Como, sem guia, evitará despenhos?
Ah, mísero!... Ousará calcar sem guia
Duro, incerto caminho? Oh! Quantas vezes
Crendo que vai seguro, irá ferir-se
O descuidado pé na serpe oculta!
Quantas vezes insano, aborrecendo
Por amargo o saudável, e atraído
De falso néctar, beberá peçonha?
Sim, julgará plausível o odioso;
Julgará deuses vis credores de honra;
Quando, se o preceptor morigerado
De apuradas lições o abastecera,
Que temer não teria o débil moço.

Os que há de folhear amplos volumes,
Detestáveis períodos encerram,
É certo; mas aqui moral colheita,
Tesouros, e virtude aqui depara.

Pode *a* gente sagaz do Lácio filha,
Em trabalhos sem conto exercitada,
Atrever-se a calar 'té onde é dado
A razão dos mortais alçar seus voos,
Sem que a religião lhe esforce as asas.
O que siga o menino, o de que fuja
(Como do teu dever não te descuides)
Cada página ali te irá mostrando,
Um a um provarás de tais exemplos.
Qual abelha solícita, que enjoa
O suco venenoso, e sorve o grato.
A fábula também te é prestadia;
De brincos festivos açucarada,
Nenhuma no que envolve, e no que engenha
Deixa de ministrar a utilidade.
Virtude e vício esconde em várias formas,
Para que lucre mais quem os deslinda.
Apólogos, não sois de preço abjecto.
Da locução, por dita, os urdidores
Artifício lerão, que sobrepuje
Ao de envolta moral na alegoria?
Gramática, e retórica ultrajadas
Antes serão por mim vezes e vezes,
Que a fábula me exprobre um só descuido.
Bem como a casca os âmagos abrange,
Das palavras o véu sentenças cobre:
Rota a casca aparece o bom lá dentro;
E eis o que foi requinte a meus desvelos,
Inda mais que a melhor latinidade,
Que eu contudo arreiguei nos bons alunos.

Mas que louvor terá, que digno prêmio
Quem desacompanhado, e vigilante
Deveres completou de tal momento?
Minhas noites lhes dei. dei-lhes meus dias;
Consagrados lhes foram corpo, e mente.
Também (o que inda é mais, e irreparável.
E danoso à consorte, e *a* mim, e aos filhos)
A saúde, esta dádiva celeste,
Também vítima foi dos meus extremos.
Para gozar-me de espaçosos dias
Houve da Natureza activas forças,
Estranha agilidade em firme peito:
Mas ao nímio trabalho enfim sucumbem.
já me alaga o suor, manando em rios;

Nas frouxas veias já me tarda o sangue
As importunas queixas. que à velhice
A teimosa existência vão finando,
Querem como à porfia antecipar-se,
E atado ao duro emprego me assalteiam.
Meus olhos, da vigília ressentidos,
já se escandecem na atenção nocturna;
Coa súbita vertigem o pé vacila;
Não raro efeito, consequência triste
De mal tedioso, que o respeito encobre.

Debaixo deste céu macio, ameno
(Tendo corrido Apolo as dose estâncias),
Pôde refocilar-me algum repouso
O corpo entorpecido, os lassos membros.
Renascente vigor já manso e manso
As quebrantadas fibras aviventa,
E dos terríveis males, fraqueando.
Recua pouco a pouco a turba infesta.
O que benigna paz, benigno clima
Em meu favor porém vai produzindo,
Baldado chorarei, se ao jugo acerbo
Meus dias outra vez ligados forem.
Ah! Debaixo dos pés já quase aberto
(Mais dum sequaz de Hipócrates mo agoura)
Aí! Como que o sepulcro me negreja!
Tanto, ah! Tanto infeliz num só não morra.
Tu, que e podes, senhor, com teus auspícios
o funéreo prognóstico desmente.
Uma palavra tua é quase um fado;
Da minha redenção princípio seja.
Honra, e coluna imóvel de altas coisas,
Que a fama tens de humano, e que a mereces,
Donativo dos Céus ao Luso Império
Tu, por quem régios dons avantajados
'Té aos campos brasílicos se alongam:
Ouve as preces. que a ti com ânsia elevo,
Os votos, que depois por ti munidos,
Em númen benfeitor piedade encontrem.

Com pouco se acomodam meus desejos:
Longe cobiça vã; não mais imploro
Que arrimo estável no caído alento.
Coa vara redentora enfim prendado
Se da sanguínea areia se despede
Audaz gladiador, jamais vencido;
Se quem mavórcias leis seguiu bravoso,
Quando do grave arnês se curva ao peso.
Com prémio vai gozar de um ócio brando;
Se não há finalmente alma tão fera,

Tão bárbaro senhor, que do alimento
Prive o servo decrépito, e mesquinho;
Eu, que todo o fervor, que as forças todas
Dei de bom grado ao público interesse,
Eu, depois de as perder, não serei digno
De que a régia demência me conforte?
Não me anseie a penúria, aquele dano,
Que tantos males persuade às vezes:
Folguem meus dias em sereno estado.
Não só boas acções adorna o prémio,
Também punge no dever quem nele é tardo!

A mão, que benfazeja, a mão, que justa
Do império maternal meneia as rédeas;
E que da mãe ao lado idades longas
Com ela santas leis do Céu traslade;
João, cuidado vosso, etéreos entes,
Esperança da Pátria, amor, e escudo;
Que dum, doutro hemisfério anui às preces;
Remisso à pena, aos benefícios pronto,
Com paciente ouvido, alegre face,
No coração paterno acolhe o rogo.
Porém vozes mortais em mim não ousam
Altear-se aos astríferos Penates:
Humildes sons balbuciara o medo.
Tu, dos numes intérprete, que imolo
No resplendor de Febo os olhos firmas,
No resplendor, que os meus sofrer mal podem:
Tu, que és a Imagem do imortal Carvalho,
Que hoje (como ele outrora) Atlante luso,
Sabes dentre a grandeza olhar à terra:
Digna-te de subir-me ao trono as preces:
Palavra tua o que refiro abone.
Não foi por anelar torpe remanso
Que à fúria me arrisquei de imensos mares:
A lhe dar exercício não me escuso,
Se inda em mim algum préstimo sobeja,
Contanto que meus dias não remate
De enxames pueris importunado.
E oxalá te aprouvesse, ânimo excehzo,
Exemplo renovar inda recente l
Mas não devo esperar, obter não posso
O que outro em caso igual há pouco obteve?
Que, se mais claros dons lhe lustram na alma,
Não me transcende em zelo ou no trabalho.
Ah! Que pelo futuro entrando a mente,
Como que desentranha o meu destino,
E que me ordena te antecipe as graças.

Não, Coutinho magnânimo, eu não sonho;

A causa da razão jamais desdenhas,
E acolhidos por ti prosperam todos.
Avantajas-te em muito; mas teu génio
Em Dada brilha mais, que na igualdade
Com que dá seu cuidado a mil objectos.
Negócios pesadíssimos não vedam
Que incansável filósofo, revolvas
O recatado seio à Natureza.
Aptas leis o cultor de ti recebe;
Leis o comerciante, e leis o nauta;
E a todos noite e dia és acessível,
Os «vivas e desatando em línguas cento
Há muito a Fama divulgou teu nome.
Sabem-no há muito as regiões extremas;
E já no meu louvor crescer não pode.
Antolha-se aos mortais além da meia,
Além da humanidade a glória tua,
De Homero, e de Virgílio assunto apenas.

Que resta pois, senhor, quando te observo
Nesse eminente grau? Rogar aos numes
Com fervor aturado, e crebros veios
Que à dourada corrente de teus dias
Os anéis multipliquem reforçados;
Porque a prole gentil, com que te encantas,
Doce penhor da conjugal ternura,
Cópia fiel dos ínclitos maiores,
Contigo rutilar no mundo vejas;
E da terra, e do céu aceita aos deuses,
Qual tu subiste convidado, suba
Ao grão cume das honras convidada.
Olhando-te qual pai meus caros filhos
(Turma quaterna) pela mãe guiados,
Hão-de incessantes ajudar-me as preces:
E o Rei da eternidade, o Rei dos entes
Risonho escutará do trono imenso
Os votos, que por ti, por tua estirpe,
Por tua digna esposa aos Céus voarem.

XXXIV

PENA DE TALIÃO

(Ao padre José Agostinho do Macedo)

Tu nihil invita dices, faciesve Minerva.

Horácio, *Arte Poética*, V, v. 385

Invidia rumpantur ut ilia Codro.

Virgílio, *Éclogas*, VII

Sátiras prestam, sátiras se estimam
Quando nelas Calúnia o fel não verte,
Quando voz de censor, não voz de zoilo
O vício neta, o mérito gradua;
Quando forçado epíteto afrontoso¹
(Tal, que nem cabe a ti) não cabe aqueles
Que já na infância consultavam Febo.
Elmiros de Paris, Cotins, são vivos
No metro de Eoileau, mordaz, mas pulcro;
Codros, Crispinos, Cluvienos soam
No latido feroz do cão de Aquino,
Desse cuja moral, mordendo, imitas,
E cuja fantasia em vão rastejas.
Nos ígneos versos, que Venusa ilustram,
Nos que de fama eterna honraram Mântua,
Envoltos no ludíbrio existem Bávios,
Mévios existem; e a existência deles,
Se pudesses durar seria a tua.

Refalsado animal, das trevas sócio,
Depõe não vistas de cordeiro a pele!
Da razão da moral o tom, que arrogas,
Jamais purificou teus lábios torpes,
Torpes do lodaçal, donde zunindo
(Nuvens de insectos vis) te sobem trovas
À mente erma de ideias, nua de arte.

Como hás-de, ó Zoilo, eternizar meu nome,
Se os Fados permanência ao teu vedaram?
Se a ponte, que atravessa o mudo rio,
Que os vates, que os heróis transpõem seguros,
Tem fatal boqueirão, por onde absorto
Irás ao vilipêndio, irás ao nada,
Ficando em cima ileso, honrado o nome,
Que em ditérios plebeus, em chulas frases

¹ O epíteto de «tolo» que na sátira me dá Elmiro.

Debalde intentas submergir contigo?
Empraza-te a Razão; responde... e treme!

Do filósofo a tez, a tez do amante,
Meditativo aspecto, imagem da alma,
Em que fundas paixões a essência minam
(Paixões da natureza, e não das tuas)
O que aparece em mim, à vista abjecto,
A mesta palidez, o olhar sombrio,
O que preterição desengenhosa
Dos sujios trívios na linguagem aponta,
Que importa, ó Zoilo, ao literário mundo?
Que importa descarnado, e macilento
Não ter mau rosto o que alicia os olhos,
Enquanto nédio, e rechonchudo, à custa
De vão festeiro, estúpida irmandade,
Repimpado nos púlpitos, que aviltas,
Afofas teus sermões, venais fazendas
(Cujos credores nos elísios fervem),
Trovejas, enrouqueces, não comoves,
Gelas a contrição no centro da alma;
Ostentas férreo númen, céus de bronze,
Compras na aldeia do barbeiro o voto
Ali triunfas, e a cidade enjoas?

Tu, de cérebro pingue, e pingue face
Farisaica ironia em vão rebuças
Com que a penúria ao desvalido exprobras
Que tem coa Natureza o que é da Sorte?
Ou dá-me o plano de atrair-lhe as graças
(Mas sem que roje escravo) ou não profanes
Indigência e moral, quais tu não citas.

Pões-me de inútil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante, obeso, inútil.
As praças de Ulisseia à toa oprimes.
Ou do bom Daniel na térrea estância
Peçonhas de invectiva espremes da alma,
Que entre negros chapéus também negreja,
E ante o caixeiro boquiaberto arrotas,
Arrotas ante o vulgo a enciclopédia;
Fadas, agouras o esplendor, que invejas,
Arranhas mortos, atassalhas vivos,
Insultas a grandeza, a imunidade
Do eterno Mantuano, e dás a Estácio
Um grau, que entregue ao deus, que ardendo em estro
De Tebas o cantor tentar não ousa,
Quando a Musa da morte enfreia os voos,

E quer que a Eneida cá de longe adore.²

Da preferência atroz inda não pago
Das Graças ao cultor, de Amor ao vate,
De Nasónia elegia aos sons piedosos,
Que o Ponto ouviu com dor, com mágoa o Tibre,
Versos prepões, sarmático-latinos,³
Verses, que inda ao burel, e ao claustro cheiram,
E que, afrontoso a ti, de aplausos c'roas,
Só por distarem de teus versos pouco.

Sanguessuga de pútridos autores,
Que vais com cobre vil remir das tendas,
Enquanto palavroso impões aos néscios,
E a crédulo tropel roncando afirmas
Que revolveste o que roçaste apenas;
(Falo das artes, das ciências falo):
Enquanto a estátua da Ignorância elevas,
Os dias eu consumo, eu velo as noites
Nos desornados, indigentes lares;
Submisso aos fados meus ali componho
Á pesada existência honesto arrimo,
Coa mão, que Febo estende aos seus, a poucos.
Ali deveres, que não tens nem prezas;
Com fraternal piedade acato, exerço,
Cultivo afectos à tua alma estranhos,
Dando à virtude quanto dás ao vício;
Não me envilece ali de um frade o soldo:
Ali me esforça ao génio as ígneas asas
Coração benfazejo, e tanto, e tanto
Que a ti, seu depressor, protege, acolhe;
Que em redondo carácter te propaga
A rapsódia servil, poema intruso,⁴
Pilhagem, que fizeste em mil volumes,
Atulhado armazém de alheios fardos,
Onde a Monotonia os mexe, os volve,
E onde a teimosa apóstrofe se esfalfa,
Já cos céus entendendo, e já coa terra.

Inda não me elevei do Pindo ao cume
Com fama, que assoberbe os sumos vates;
Porém, graças ao dom, que não desdouras
Coa birra estulta de emperradas trovas,
Vou sobranceiro a ti, de longe te olho,

² *Nec tu divinam Aeneida tenta.* (Estácio, *Tebaida*).

³ O ex-frade tem desenterrado das tendas e lojas de confeitores, elegias e outros versos de jesuítas polacos, que denodadamente prefere a Ovídio.

⁴ «Contemplação da natureza», poema para o autor, e rapsódia para mim e para todos os conhecedores.

Nesta fastidiosa compilação, usurpadora apóstrofe clama de seis em seis versos, pouco mais ou menos, desaloja o rancho das irmãs, e fica ali como vilão em casa do seu sogro.

E na pública voz, que se não merca,
Elmano a cisne aspira, Elmiro ó ganso,
É ganso que patinha, e se enlameia
Em podres lodaçais, pauis do Lotos.
A círculos pueris, a vãos Narcisos,
A Lucrúcias na sala, e Lais na alcova,
E inda às sérias do tempo os «bravos» poupo;
Insulso ritmador de facho e setas,
Nugas não douro, não mendigo aplausos
De vácuas fronte, plagiárias línguas;
Não sou, nem de improviso, o que és de espaço!

Claro auditório meu, vingai-me a glória!
Vós, que em verses altíssonos mil vezes
Me vistes ir voando às fontes do Estro,
Dizei, se me surgiram Grécia, Roma
Nas prontas explosões do entusiasmo
Se a razão, se a moral, se as leis, se a pátria
Do metro destemido objectos foram,
Ou das Marílias do hoje o riso ensosso,
Dos olhos o comércio, e não das almas,
o melindre sagaz, lição materna,
E a mercantil firmeza, a com votada?
Dizei... Mas contra ti sobeja Elmano;
Teus uivos, teus latidos não me aterram:
Sou do novo trifauce Alcides novo;
Inda não farto de arrancá-lo às sombras
As três gargantas levarei de um golpe;
E se a canina espuma, ou sangue infecto
Monstros gerar, que multiplique a morte,
Das Fúrias o tição lhes torre as fronte.

Braveja, detractor, bravoja, insano!...
Ardo, blasfema em vão, de algoz te sirva
Tenaz verdade, que te rói por dentro.
Na voz deprimes o que admiras na alma;
Se provas queres eu te exhibo as provas
Do que teu coração desdiz dos lábios,
Traz á mente o lugar, e a vez primeira
Em que, dado à tristeza, e curvo aos ferros,
Olhaste, ouviste Elmano, e grande o creste,⁵
Quando inda os voos tímido soltava
Na imensidade azul, que aos astros guia;
Quando (não como por sistema o finges,
Mas só da Natureza endereçado)
Seguia o rasto de amorosos cisnes,
Pousando muito aquém do grau que ocupa:
Ainda carecente da ígnea força

⁵ O satírico, antepondo os meus versos de algum dia aos de hoje, afecta contudo esquecer-se dos elogios que me faz, e escreveu, sendo ainda frade graciano.

Que à pátria deu Leandro, Inês, Medeia,
O Antro dos zelos, de Areneu o Argira
A história, que o sabor colheu de Ovídio,
Na dicção narrativa experta, idónea,
E o mais, às Musas grato, e grato a Lísia.

Da estância, onde nem sempre habita o crime,
Epístola sem sal por ti guisada,
Em tais louvores incluiu meu nome:
Versos escuta, que negar não podes:
Estilo é teu, monotonia é tua;
O que neles se envolve, escuta, em prémio
Da empresa, que tomei, de os pôr na mente
«Do centro desta gruta triste, e muda,
Fecundo Elmano, potes Musas dado,
O prisioneiro Elmiro te saúda,
De teus áureos talentos encantado;
De ti só fala, só por ti suspira
Em teu divino canto arrebatado...»;
Quem «fértil» nomeaste, e quem «divino»
Hoje é servil, monótono, infecundo,
De texto ópimo intérprete engolado?
Coa idade e estudo o génio em todos cresce,
E em mim desfaleceu coa idade, e estudo?

Responde ao teu juiz, ao sã critério,
Réu de lesa-razão! Trazer à pátria
Nova fertilidade em plantas novas,
Manter-lhe as flores, conservar-lhe os frutos,
Quais eram no sabor, na tez, na forma,
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os estranhe, os desconheça o dono,
É fadiga vulgar? Não tem mais preço
Do que esse, que os carretos galardoa
Do galego boçal nos férreos ombros?
Verter com melodia, arder, pureza
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estorvo,
De um, doutro idioma discernindo os génios,
O carácter do texto expor na glosa,
Próprio tornando, e natural o alheio,
E ser bugio, ou papagaio, Elmiro?
Confronta originais, e as cópias deles;
Verás se a Musa, que de rastos pintas,
No vou altivo o Sulmonense atinge,
Castel transcende, e com Delille ombreia.

Citas um verso mau, mil bons não citas?
Citas um verso mau, que não transforma
Em matos os jardins? É natureza

Estarem par a par espinhos, flores.
E não sabes, malévolo, que a regra
Une a ténues objectos simples frases?
Se imparcial, se crítico escrevesse,
Centenas de áureos versos apontaras,
Sem de um só deduzir sentença iníqua.
De Ausónia o quadro, ou venerando, ou belo,
Com justa, sábia mão presentarias
Idades cento blasonando ao longe
Coa ruína imortal da excelsa Roma;⁶
Ante as aras carpindo Amor, Saudade,
E ao Céu medrosas lágrimas furtando;
Aos amigos dos homens, e aos dos numes
Na terra verdejando elísios novos;
Correntes sem rumor, come as do Letes,
Os males na memória adormecendo,
E em mármore coríntios alvejantes
O grande Fénelon, e o grande Henrique.
Se o rival de Virgílio (o que proclamas.
Porque de Gália é filho, e não de Lísia,
A cujo selo, em que borbulham génios,
Chamas com língua audaz estéril deles)
Se o rival de Virgílio ouvisse os versos
De intérprete fiel, não rude escravo,
Honrara c'um sorriso úteis suores.

Pede ao mole Belmiro, anão de Febo,
Ao que ergues uma vez, e mil derrubas;
Pede ao vampiro, que a ti mesmo há pouco
Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos;
Pede ao bem Melizeu, da Arcádia Fauno,⁷
De avelada existência, e mente exausta,
Que affectas lamentar, e astuto abates,
Que por alféloa troca os sons de Euterpe
(Os sons da sua Euterpe, e não da minha),
Diz ao teu coro, de garganta indócil
(Sem que esqueça o Pigmeu no corpo, e na alma),⁸
Dize dos corvos de Ulisseia ao bando
Que, intérpretes qual fui, de exímios vales,
Não pagos de ir no rasto o voo alteiem:

⁶ Veja-se o poema «Os Jardins» no canto V.

⁷ Elmiro, incapaz de açaimar a maledicência, que o caracteriza, exproba a penúria ao ressequido Melizeu, em vez de lhe notar unicamente o sestro com que antepõe um pau de alféloa às composições eutéropicas, com que podia afamar-se entre os Hurões, mui afeiçoados a poesias deste gosto.

⁸ Todos sabem a aplicação antiga daquele meu verso

Quintanilha, pigmeu no corpo, e na alma;

Se houver todavia quem a ignore, declaro que pertence a um nojento homúnculo, engenheiro de miudezas métricas, a quem o esquecimento de uma vírgula arruinou um soneto, e que propaga e palmeia a sátira de Elmiro; porque nunca fiz a injustiça de gabar os seus nada. *Tantum sufficit hoc.*

Ou tu mesmo apresenta, oferece à crise
De gordo original versão mirrada,
Sulcado o Estácio teu de unhas minhas,⁹
De muitas, que sofreste, e que aproveitais;
Nele (oh, mágoa! Oh, labéu!) por ti mudados
A pompa na indigência, o luto em riso;
Mostra em teus versos as imagens suas
Tíbias, informes, encolhidas, mortas:
Desdentado leão, leão sem garras.
Que à longa idade sucumbiu, rugindo;
Mas leão, que de perto inda é terrível,
E que no quadro teu vale um cordeiro.
Ousa mais: – a *Lusíada* não sumas,¹⁰
Que e número de verses fez poema
Tal, que seu mesmo pai sem dor o enterra.
Expõe no tribunal da Eternidade
Monumentos de audácia, e não de engenho;
o prólogo alteroso, em que abocanhas
Do luso Homero as veneráveis cinzas,
E não de inepto, de apoucado arguas
Quem, porque teme a queda, encolhe as asas;
Quem, de efémeros «vivas» não contente,
Chegando a mais que tu, se atreve a menos.

Nem somente Melpómene dispensa
Grão nome, nem Calíope somente.
Como os Voltaires na memória vivem,
La Fontaines, Chaulieus subsistem nela:
Todos têm nome, e grau: tu mesmo o dizes,
Contraditório, tímido versista.
Tema, que escolhes, género, que abraças,
Não te honra, nem desluz: no desempenho
O lustre, a glória estão. Tem jus à fama
O vate, ou cante heróis, ou cante amores,
Contanto que de Febe as leis não torça,
Aos mui vários assuntos ajustadas.
Coa matéria convém casar o estilo:
Levante-se a expressão, se é grande a ideia,
Se a ideia é negra, a locução negreje,
E ténue sendo, se atenua a frase.

Segue o que tens de cor, mas não praticas,
Serás o que não és, o que não foste,
Quando das «Musas no Almanaque» (ai triste!)
Que a par de seus irmãos morreu de traça,
Forjaste de uma freira equórea ninfa,¹¹

⁹ O indigno tradutor de Estácio me rogou mil vezes que lhe castigasse a versão onde o carácter e a frase do original padecem inclemências.

¹⁰ Móvito de Elmiro aos seis meses: obra em que a glória de Camões é enxovalhada no prólogo, e ressarcida no mais. O autor a sumiu.

Jacinta de um Tritão fingiste acesa:
Chamaste grande, harmónico a Lereno,
Ao fusco trovador, que em papagaio¹²
Converteste depois, havendo impacto
Com tabernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orangotango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.
Os teus vícios «m lesto aos mais não lances,
Tu, Fúria, tu, dragão, que entornas peste,
Por sistema, por hábito, e por génio.
Os sete, que detrais, em que te agravam?
Querias par a par subir com eles,
Nas asas do louvor a ignotos climas?
Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
Quando a celeste Catalani exala
Milagres de ternura, e de harmonia,
Sim, que disseras, se, ultrajando a cena,
De rouquenha bandurra um biltre armado
Ante a assembleia extática impingisse
Solfa, mazomba, hispânico bolero?
Pois isto, ó Zoilo, tão impróprio fero
Como anexar teu nome aos sete, e a outros,
Que de silêncio coou não colhem manchas,
Nem carecem do mim, por si famosos,
E há muito um lira eterna ao pólo erguidos.

Verdade! rectidão! Vós sois meus numes!
Vê se as adoro, ó Zoilo: eu amo Alcino,
Filinto, Coridon, Elpino eu louvo;
Todo me apraz Denodo, Alfeno em parte;
Nas trevas para mim reluz Tomino;¹³
Nos génios transcendentos me arrebató,
Prezo alunos febeus, desprezo Elmiros.
De alta justiça que mais prova exige?
Tu, que de iníquo e parcial me increpas.
Tu, que em vez de razões opróbrios vibras
Perante um mundo, que te sabe a história!
Tu, que afeito à moral dos Tupinambas,
Tens ampla consciência, onde Amizade,
Onde Amor, e outros vínculos sagrados
São nomes vãos, fantásticos direitos;
Tu... mas língua de bronze, e vez de ferro
Mal de teus vícios a expressão dariam.
Indómito molosso, ardido ex-frade,

¹¹ Num dos «Almanaques» citados há um idílio piscatório de Elmiro, em que uma ninfa do mar se chama Jacinta; nome que, junto com a pessoa, prova o gosto do autor.

¹² Metamorfose de Lereno em papagaio, no tempo em que Elmiro almoçava com ele, e dele: acção que advoga pela moral do clérigo pregador, tão supérfluo como os insectos.

¹³ Falo de Santos e Silva, cujo estro, às vezes assombroso, o consola de um desastre como o de Homero e Milton.

E contigo a razão qual é coas ondas
Arte, e saber de náufrago piloto:
Serás qual és, e morrerás qual vives.

Prossegue em detrair-me, em praguejar-me,
Porque Délio dez «prólogos» te exclui;
Pregoa, espalha em sátiras, em lojes
Que Zoilos não mereço, e sê meu Zuilo;
Chama-me de Tisífene enteado,
Porque em fêmeo-belmírico falsete
Não pinto os zelos, não descrevo a morte:
Erra versos, e versos sentençaia;¹⁴
Condena-me a cantar do Ulina, e de anos;
Agrega o magro Elmano ao fulo Esbarra;
Ignora e «baquear» que é verbo antigo,
Dos Sousas, dos Arrais somente usado;
Metonímias, sinédoques dispensa;
Dá-me as pueris antíteses, que odeie;
De estafador de anáforas me encoima;
Faz (entre insânias) um prodígio, faz
Qual anda e caranguejo andar meus versos;
Supõe-me entre barris, entre marujos;
(Dalguns talvez teu sangue as veias honre!)
Mas não desmaies na carreira; avante,
Eia, ardor, coração... vaidade, ao menos.
As oitavas ao *Gama* esconde embora,
Nisso não perdes tu, nem perde o mundo;
Mas venha o mais! Epístolas, sonetos,
Odes, canções, metamorfoses, tudo...
Na frente põe teu nome, e estou vingado.

¹⁴ Veja-se na sátira de Elmiro a linha:

Rasteiras cópias de originais soberbas.

XXXV

A António Crispiniano Saunier

(Em resposta a uma Epístola, que lhe dirigira)

Besta, e mais besta! O positivo é nada...
(Perdoa, se em gramática te fale,
Arte que ignoras, como ignoras tudo.)
Besta, e mais besta! Na palavra embirro;
Que a besta anexa ao mais teu ser definem.

Dás-me louvor servil na voz do prelo,
Grande me crês, proclamas-me famoso,
Excelso, transcendente, incomparável,
Confessas que de Elmano a fúria temes...
E débil estorninho águias provocas,
Aves de Jove, que o consoe empunham!

És de rábula vil corrupta imagem;
Tu vendes o louvor, como ele as partes:
Mas ele na enxovia infâmias paga.
E tu, com tústios, que aos caloiros pilhas.
Compras gravatas, em que a tromba enorme
Sumas ao dia, que de a ver se embrusca,
Qual em tenra mãozinha esconde a face
Mimoso infante de papões vexado.
Útil descuido aos cárceres te furta,
A digna habitação de ti saudosa
(Digo, e Castelo) estância equivalente
Aos méritos morais, que em ti reluzem.

De saloios vinténs larápio sujo,
A glória de teu ódio restitui
A quem no teu louvor desacreditas.
Se honrada pelas sábios de Ulisseia
(De Ulisseia não só, de Lisia toda)
Galgando a Musa minha aos Céus não fosse.
E se a nojenta epístola brotasse
De entre e lameiro das ideias tuas,
Em regras, que são mais, eu que são menos
Do que exigem de metro as leis de Apelo
(Em regrinhas aquém e além de melro,
Que verses hão-de ser, nu verses foram,
Quando e que a Musa quer é só que e sejam)
Dissera a gente, gritaria o mundo:
«Louvado e louvador são dois patetas!»

Ó versos aleijões! De Insauro ó versos!

Presas de toda a gente. e verses dele!
Fera! Eu me benzo, eu renuncie o pacto!
Antes um corno pelos peitos dentro,
Que um verso de Saunier pelas ouvidos,
Bem que indagados de atenção miúda
Sinónimo parecem «corno», e «verso»
Quando em linhas venais galegos tentas,
Teus sócios, teus colegas, teus patronos
Ou quando sem saber, eu quando insano
Louvas de graça, e por dinheiro infamas.
(Que a resposta. eu bem sei, rendeu-te cobres!)

Falas em faixa? E com que faixa, e como!
Não sabes que, apesar da atroz gravata.
Sai teu focinho a malquistar-te às vezes
Com quantos olhos há, que todos negam
Seres da espécie racional primeira.
E a negra forma macacal te impinge?
Quindorna tens, que por amor te engoma:
Tanto sofreis, ó Cotovia, ó Taipas!

Jamais se envileceu luxúria tanto,
E tanto na eleição Jamais cincaste!
Só se vós por ser burro amais Insauro!
Esses podres c..., que vendem peste.
Esses, meu nome (teu trovão, teu raio!)
Esses, em súcia torpe, aonde és gente.
Meu nome, a glória minha enxovalharam;
Que mulher de decore, esposa virgem,
Se manchasse em te ouvir seu grau, sua alma,
O caos volvera, e se abismara o globo!

Espoja-te a meus pés, baqueia, ó bruto,
E em actos burricais e que és pregoa!
Ou da matula vil, onde patinhas,
Irás à Fama em sátiras de Elmano,
Que é pior para ti de que ir ao Letes!

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
